

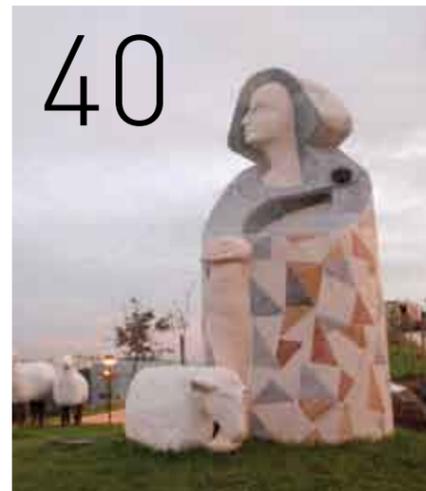
# OEIRAS EM REVISTA

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS \_ DISTRIBUIÇÃO GRATUITA \_ IMPRESSÃO 0,48€ \_ Nº 102 \_ INVERNO 2010



ASSOCIAÇÃO  
CORAGEM

\_ UMA ASSOCIAÇÃO QUE VEIO  
DIRECTAMENTE DO CORAÇÃO



FICHA TÉCNICA

**Director**  
ISALTINO MORAIS

**Produção**  
ELISABETE BRIGADEIRO

**Editora**  
CARLA ROCHA / CROCHA@CM-OEIRAS.PT

**Textos**  
CARLOS ROCHA  
LUÍS MARIA BAPTISTA  
SÓNIA CORREIA  
DANIELA MACEDO

**Fotografias**  
ALBÉRICO ALVES  
CARMO MONTANHA  
CARLOS SANTOS  
LUIS MARIA BAPTISTA

**Concepção Gráfica e Paginação**  
WHITE RABBIT - CUSTOM PUBLISHING

**Propriedade**  
MUNICÍPIO DE OEIRAS

**Impressão**  
PERES-SOCTIP, S.A.

**Tiragem**  
20.000 EXEMPLARES

**Deposito Legal**  
86817/95

**ISSN**  
1646 - 5970

**Execução**  
GABINETE DE COMUNICAÇÃO  
WWW.CM-OEIRAS.PT

**10\_ FILIPE LEAL**

Em jeito de balanço dos 250 anos. Para além de expor como foi organizar as comemorações dos 250 anos, Filipe dá-se a conhecer.

**28\_ CARLOS VAZ MARQUES**

Entrevistou Isabel Jonet, uma munícipe preocupada com os outros. A presidente do Banco Alimentar Contra a Fome convive diariamente com o que ela tem de pior e as dificuldades que testemunha todos os dias fizeram de Isabel Jonet uma pessoa mais despojada.

**36\_ QUINTA REAL DE CAXIAS**

As estátuas de Terracota da Quinta Real de Caxias estão em recuperação. A conversa com Carlos Beloto é fundamental para percebermos todo o processo.

**44\_ ASSOCIAÇÃO CORAGEM**

É uma associação que vale a pena conhecer. Esta é uma associação de pais, médicos, enfermeiros e todos aqueles que estão mobilizados para a causa do apoio às crianças com doença cardíaca, uma das principais causas de morte infantil por doença em Portugal.

**04\_ INEVITÁVEL**

- 10\_ ENTRE NÓS**
- 20\_ OEIRAS IMAGINÁRIA**
- 28\_ A DOIS**
- 36\_ PROJECTOS DA AUTARQUIA**
- 44\_ OEIRAS TEM LAÇOS**
- 58\_ INESQUECÍVEL**
- 64\_ ARTE DO SABOR**

Esta edição da Oeiras em Revista é, de facto, muito especial, começando desde logo pela capa.

O que é hoje o nosso Concelho e o que o distingue positivamente face à generalidade, tem muitas explicações e resulta de muitos vectores de actuação, ao longo de anos e anos. Mas, se levarmos ao limite dos limites o exercício de sintetizar tudo numa só palavra, numa só ideia, talvez fosse difícil encontrar palavra mais adequada do que solidariedade. Oeiras é, sem dúvida, um Concelho solidário. Não só nos programas específicos que realiza para o efeito, a nível da acção social directa, mas também em muitos outros aspectos colaterais, onde, ainda hoje e infelizmente, se percebe existir por aí pouca sensibilidade para tal.

Somos solidários na cultura, proporcionando espectáculos e actividades de carácter gratuito e apoiando os agentes. Somos solidários no lazer, criando áreas verdes e espaços de recreio que estão à disposição de todos. Somos solidários no património, que temos vindo a adquirir e recuperar exactamente para esse efeito. Somos solidários na atracção de emprego e na criação de riqueza, permitindo que mais de metade dos nossos munícipes já trabalhe no seu Concelho. Somos solidários em muito, senão em tudo e esse deve ser o nosso principal motivo de orgulho.

É esse sentimento que se revela nas palavras de Isabel Jonet, Presidente do Banco Alimentar contra a Fome: “Não sei, de facto, do que é que gosto menos em Oeiras.” Como diz esta nossa ilustre munícipe, entrevistada deste número, Oeiras funciona. E funcionar significa que temos respostas, que temos acções e que temos soluções. E isso é importante agora, mais do que nunca. Estes são tempos difíceis, em que a solidariedade para com quem de nós precisa é ainda mais premente. “Mais grave que a crise económica é a crise de valores”, diz Isabel Jonet e não podemos deixar de estar de acordo.

A solidariedade tem de ser o nosso primeiro valor, enquanto comunidade. Faz parte do essencial da nossa condição humana, fazer melhor e, sobretudo, fazer melhor aos outros. Esse é o caminho que devemos continuar a seguir, com mais e renovada determinação. É certo que o mais fácil, perante as dificuldades alheias, é virar a cara e esquecer, mas Oeiras não é assim. E o que vem nesta Oeiras em Revista é prova disso.

Desejo-lhe uma boa leitura.

ISALTINO MORAIS, PRESIDENTE DA CÂMARA

“ A solidariedade tem de ser o nosso primeiro valor, enquanto comunidade. Faz parte do essencial da nossa condição humana, fazer melhor e, sobretudo, fazer melhor aos outros. Esse é o caminho que devemos continuar a seguir, com mais e renovada determinação”

# ESCREVA UM POSTAL E LEVE OEIRAS A TODO O LADO

## HÁ QUANTO TEMPO NÃO ESCREVE UM POSTAL?\_

Como escreveu Miguel Torga no seu poema 'Quase um poema de Amor'

«Há muito tempo que já não escrevo um poema  
De amor.  
E é o que sei fazer com mais delicadeza!  
A nossa natureza  
Lusitana  
Tem essa humana  
Graça  
Feiticeira  
De tornar de Cristal  
A mais sentimental  
E baça  
Bebedeira»

Há quanto tempo não deixa de lado os e-mail, as sms e pega numa caneta e escreve um postal a quem mais gosta? E, mais do que escrever, há quanto tempo não recebe um postal? E lembra-se da doce e bela sensação de abrir a caixa de correio e ver aquele postal, com aquela letra que conhece de cor, com as palavras que lhe enchem o coração? Foi a pensar nesse gosto de escrever e de receber, que a Câmara Municipal de Oeiras decidiu fazer uma colecção de postais para que possa destacá-los e enviá-los para quem assim o desejar. Utilize as bonitas palavras que o português possui. Dê-lhes dimensão. Gaste-as. Sublinhe as mais fortes. Escreva em letras típicas da primária. Rebuscadas. Cheias de cornucópias. E deleite-se na escrita. E ao assim fazer, leva Oeiras, este belo concelho, para os quatro cantos do mundo. E ao assim fazer, faz com que sejamos portadores de amores e amizades, de paixões e saudades, de ternuras e afectos.

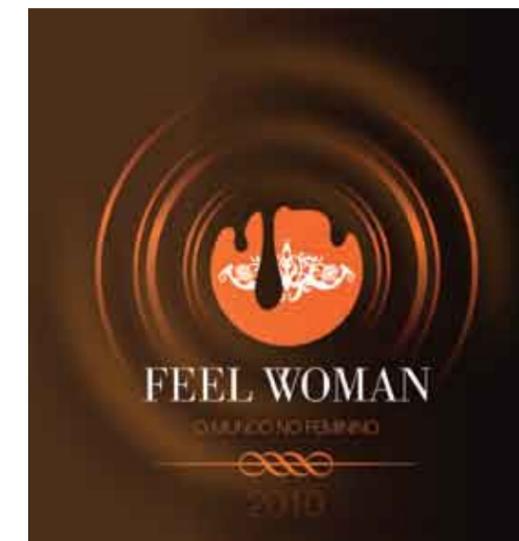


## TMN/SAPO PORTUGAL RUGBY YOUTH FESTIVAL \_27 E 28 DE MARÇO CENTRO DESPORTIVO NACIONAL DO JAMOR

Depois do sucesso obtido no ano transacto, a expectativa para a 2.ª edição do TMN/SAP Portugal Rugby Youth Festival é enorme. Estão já garantidas as participações dos melhores clubes nacionais e espanhóis, bem como de algumas academias de países com forte tradição na modalidade, como são os casos da França, Inglaterra, País de Gales e Irlanda. Estará também presente uma comitiva de 30 pessoas oriunda do Sri Lanka, o que torna este evento ainda mais internacional. Durante dois dias, deslocar-se-ão a Oeiras cerca de 1800 jovens dos 11 aos 18 anos, dos quais 800 são oriundos diferentes pontos do globo. Espera-se que esta iniciativa possa contribuir para o desenvolvimento do Rugby em Portugal, estimulando o aparecimento de novos jogadores numa modalidade em franca expansão no nosso país.

### INFORMAÇÕES

- \_ MOVE SPORTS LDA**  
A Move Sports é o único operador turístico especializado em desporto.
- \_ CONTACTOS**  
T.00351 214540410  
Fax.00351 214540419  
E-mail: jose.moraes@movesports.com
- \_ INTERNET**  
www.movesports.com /  
http://corporate.movesports.com /  
www.portugalrugbyfestival.com

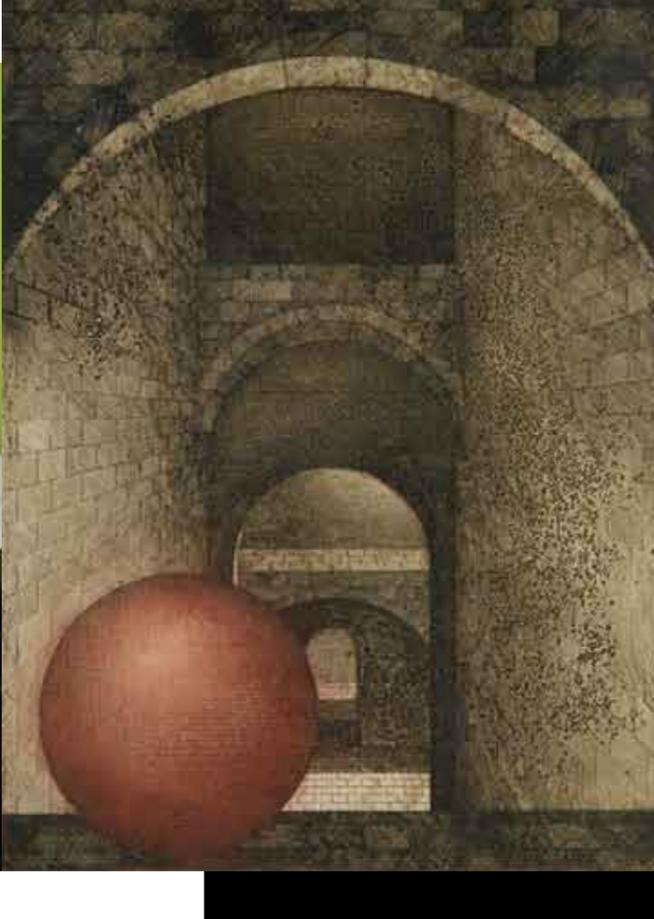


## FEEL WOMAN 2010

A FEELWOMAN é já considerada como o mais alto momento do ano quando se trata de comemorar a Mulher portuguesa, dedicando-lhe um espaço exclusivo, onde durante 3 dias proporciona experiências e vivências a milhares de visitantes. Todos os anos retratamos num único espaço a MULHER na sua multiplicidade, promovendo o orgulho feminino e convidando os vários sectores da economia a estarem juntos para exporem o seu melhor para o universo feminino. A edição de 2010 vai ser uma festa. Vamos assumir a parte mais atrevida e festiva da Mulher, começando por embrulhar a Fundação de Oeiras num tema que se pode servir "quente": CHOCOLATE!

### INFORMAÇÕES

- \_ DATAS DO EVENTO**  
12, 13 e 14 Março  
12 e 13 Março - 14hrs - 23hrs  
14 Março - 14hrs - 21 hrs
- \_ LOCAL**  
Fundação de Oeiras
- \_ INTERNET**  
www.feelwoman.com  
www.facebook.com/feelwoman
- \_ INFO**  
geral@abundanza.biz  
21 446 12 00



## BARTOLOMEU CID DOS SANTOS GOING SOUTH

**\_ATÉ 16 DE MAIO**  
**CAMB CENTRO DE ARTE**  
**MANUEL DE BRITO**

Neste bloco expositivo consagrado à memória do artista Bartolomeu Cid dos Santos, falecido em 2008, o CAMB apresenta, a par de uma mostra individual de obras do artista na Coleção Manuel de Brito, um projecto expositivo autónomo designado "Going South" que reúne um conjunto de trabalhos - fotografia e escultura - desenvolvidos por cinco artistas contemporâneos que lhe prestam tributo - John Aiken, Miguel Martinho, Ana João Romana, Samuel Rama e Valter Vinagre. Dando continuidade à linha de programação expositiva que tem visado divulgar os artistas mais representativos, ou mais emblemáticos, da Coleção Manuel de Brito, este bloco expositivo

tem particular simbolismo, atendendo à ligação que o artista Bartolomeu Cid dos Santos, tinha ao Palácio Anjos, por ter sido este o local onde viveu a sua infância e onde aprendeu a desenhar. Apresentaremos nesta exposição individual sobretudo gravura, produzida pelo artista entre a década de 50 e a actualidade. Bartolomeu Cid dos Santos (1931-2008) foi um artista plástico português que se destacou sobretudo na área da gravura. Este reconhecimento é-lhe prestado, nacional e internacionalmente, por algumas das mais importantes instituições académicas e artísticas. Fez a sua primeira exposição em 1940 e desde en-

tão muitas se lhe seguiram, individuais e colectivas. Está representado em vários museus de referência, desde o British Museum, em Londres, ao MOMA de Nova Iorque e, em Portugal, na Coleção da Caixa Geral de Depósitos, entre outras. Do seu percurso artístico e da obra realizada, salientamos a de carácter público, onde referimos a autoria da decoração das gares do caminho-de-ferro de Entrecampos, do Pragal, da Reboleira e por último da estação de Neombashi em Tóquio. Do seu imenso percurso académico referimos apenas a sua relação com a Slade School of Fine Art, em Londres, onde leccionou.

### INFORMAÇÕES

**CAMB**  
Centro de Arte Manuel de Brito, Palácio Anjos, Algés

**\_EXPOSIÇÃO**  
Até 16 de Maio\_ Terça a domingo\_ 11h30 às 18h00  
Última sexta de cada mês\_ 11h30 às 24h00

**\_CONTACTOS**  
T.214 111 400  
camb@cm-oeiras.pt,  
<http://camb.cm-oeiras.pt>

## O MENTIROSO

**\_APARTIR DE 12 FEVEREIRO**  
**AUDITÓRIO MUNICIPAL**  
**LOURDES NORBERTO**

O Intervalo repõe "O Mentiroso", a commedia dell'arte de Carlo Goldoni, estreada por este grupo, em 1999, com cenários de Octávio Clérigo e encenação de Armando Caldas. Tal como escrevia Giorgio Strehler, director do Piccolo Teatro de Milão, "Goldoni soube viver tudo dentro da realidade do seu século (XVIII) com a melancólica doçura provida de severidade por vezes trocista e imprevidente, provocando a gargalhada ou o sorriso cúmplice. Crítico, não apenas aos vícios dos homens, mas um "crítico dentro" sobre as categorias de uma sociedade em movimento, atento ao jogo das classes, aquelas que saíam da história e aquelas que estavam para entrar. Em todas as peças de Goldoni, estes ingredientes estão lá..." Ou como nas palavras de Armando Caldas, "sabendo que nesta peça, temos um Lélíio, fidalgo que é um aldrabão, um Pantaleão, mercador avarento mas honrado, um Doutor Balanzoni, interesseiro em casar as filhas com aristocratas, Arlequim, que só pensa em comer, não se importando para isso, de colaborar com as patranhas, "espírituosas invenções" do seu patrão Lélíio. Em suma, estamos perante um compêndio de figurões." Em simultâneo com a apresentação de "O Mentiroso", e para assinalar a importância da figura de Octávio Clérigo (1932-2003), no panorama do teatro, do espectáculo e da televisão em Portugal, estará patente no átrio do Auditório uma exposição de vários dos seus trabalhos plásticos.

**INFORMAÇÕES**  
**AUDITÓRIO MUNICIPAL**  
**LOURDES NORBERTO**  
Linda-á-Velha

**\_INFORMAÇÕES**  
**E RESERVAS**  
Intervalo - Grupo de Teatro,  
T. 214 141 739  
[intervaloteatro@gmail.com](mailto:intervaloteatro@gmail.com)

**\_NOTA**  
Entrada livre (maiores de 6 anos), limitada aos lugares disponíveis. Após o início do espectáculo não é permitida a entrada, salvo a indicação dos assistentes da sala.



## CICLO DE MÚSICA "TECLAS AO FIM DA TARDE"

**\_ATÉ 16 DE MAIO**  
**CENTRO CULTURAL PALÁCIO**  
**DO EGÍPTO**

No Concelho de Oeiras vai iniciar-se um novo ciclo de concertos comentados dedicado exclusivamente aos instrumentos de tecla. Designado por "Teclas ao Fim da Tarde", por acontecer sempre pelas 18.00 horas, no último sábado dos meses de Fevereiro a Maio e de Setembro a Novembro, no Palácio do Egípto.

Este ciclo pretende apresentar de um modo abrangente diferentes reportórios ligados à música para instrumentos de tecla, onde se incluem o cravo, o piano, o clavicórdio e o pianoforte.

A primeira edição, abrirá com um recital de piano dedicado a Chopin, assinalando o bi-centenário do seu nascimento. Seguir-se-á um recital de cravo com obras de J. S. Bach e Louis Marchand, um recital de piano a 4 mãos que abordará alguns tópicos relacionados com a música de dança de inícios do século XX e um concerto com obras de Astor Piazzolla. Em Setembro, teremos um recital de canto e piano com um programa dedicado à música francesa da transição dos séculos XIX-XX, um recital de cravo e violino onde se ouvirão as Sonatas do Rosário de Biber e, a fechar o ciclo de 2010, um recital de piano solo de Luísa Tender. F. Chopin - Nocturnos, Mazurkas e uma Balada

\_WILDE, FRANS (“A Finalidade”)

«Diante dos muros da cidade, uma noite de inverno um homem que tinha sofrido muito gritou, desesperado: ‘Qual é o sentido da vida?’ E o eco respondeu-lhe claramente: ‘A vida!’ »

#### **OEIRAS TEM MAIS ENCANTO**

Aprecie os encantos do Inverno calcorreando o concelho de Oeiras em toda a sua dimensão. Aproveite os dias ensolarados e aprecie uma esplanada, o sol frio em perfeita comunhão com o mar. Oeiras no Inverno é, também, quente e apetecível.

# FILIPE LEAL, EM JEITO DE BALANÇO DOS 250 ANOS\_

\_Em jeito de balanço, Filipe dá conta do que correu mal, menos-mal, bem e muito bem. Analisa este ano que foi dele, mas foi, acima de tudo, nosso. Porque Oeiras somos todos

texto por **CARLA ROCHA** \_ fotos de **CARLOS SANTOS**



Em 2009, Oeiras engalanou-se para comemorar os 250 anos de existência. Um pouco por todo o concelho, foram várias as actividades que decorreram de forma a que todos pudessem, em conjunto, festejar esta efeméride. Na verdade, ‘comemorar’ não é a palavra certa. Na verdade, ‘comemorar’ não é a palavra certa. A palavra que esteve na ordem do dia, para além de Oeiras, com toda a sua dimensão geográfica e histórica, foi a palavra ‘Celebrar’. Porque pretendeu-se Celebrar um concelho, uma população, uma história, sem esquecer as sementes que lançamos para o futuro.

**A** frente das Celebrações, a definir o que se fazer e quando, esteve o Grupo de Trabalho Permanente, grupo este dirigido por Filipe Leal, que a Oeiras em Revista dá a conhecer na entrevista que se segue.

Filipe Leal, um homem das bibliotecas, não só enquanto leitor, mas acima de tudo enquanto pensador desse espaço; um homem que, não obstante da sua paixão por estes lugares de leitura por excelência aceitou, sem hesitar, o desafio de colocar todo um concelho a festejar o seu aniversário. Diz o ditado que Deus só dá os desafios que cada um consegue suportar. Pela vida pessoal do Filipe, que não cabe neste entrevista, e pela sua capacidade de trabalho, que aqui damos conta, fica-se a saber que Deus deu-lhe aquilo que sabia que iria aguentar.

#### **Filipe, quando eras pequenino o que ansiavas ser?**

Boa pergunta. Quando eu era pequeno (com quatro ou cinco anos), a minha mãe costumava dizer que eu iria ser uma de duas coisas: ou advogado ou do padre.

#### **Para advogado ainda vá que não vá, agora para padre, não estou a ver!**

(risos) Pois, eu também não, mas a minha mãe achava que eu tinha o dom da palavra e tinha uma grande imaginação para inventar histórias. Confesso, no entanto, que não tinha nenhum sonho do género ‘quando for grande quero ser...’. A minha vocação só se definiu muito tarde. E, acima de tudo, teve a ver com o poder desenvolver de uma actividade que fosse criativa e ao mesmo tempo útil às pessoas. Costumo definir-me com um sonhador pragmático, isto é., sonho à medida do que consigo concretizar. Não conseguiria nunca ter um trabalho rotineiro, com um dia-a-dia sempre igual. Eu preciso de todos os dias acrescentar algo de novo. Obviamente que também preciso de rotinas, preciso de disciplina até para tratar de outros lados menos interessantes do desenvolvimento de uma qualquer actividade profissional.

#### **Mas quando é que sentiste que estavas a encontrar a tua vocação, o teu caminho?**

Foi durante a minha licenciatura em História, na Faculdade de Letras. Mas o caminho começou a desenhar-se mais cedo. Acima de tudo foi fruto de um conjunto de decisões pessoais que se revelaram determinantes. Os meus pais sempre me apoiaram nessas minhas decisões. Davam-me uma grande liberdade para decidir o que queria fazer com a minha vida mas alertavam-me para o facto de que teria que viver com as consequências dessas mesmas decisões, fossem elas boas ou más. A primeira dessas decisões teve a ver com a mudança de curso no ensino secundário. Fiz o 10º e o 11º anos de electrotecnia e era o oposto dos meus colegas, ou seja, nas disciplinas técni-

cas (matemática, química, electrotecnia, etc.) eu era o pior aluno da turma, a passar as disciplinas todas à tangente, e depois era o melhor aluno da turma nas disciplinas humanísticas (português, filosofia e inglês).

#### **Percebia-se por esses resultados que não estavas no sítio certo?**

Pois não estava, e um dia, uma professora que era a directora de turma, vem ter comigo após a avaliação das minhas notas e disse-me: «Filipe, há aqui qualquer coisa que não está certo. Já pensou em mudar de curso?».

#### **E já tinhas pensado?**

Já, confesso que já tinha pensado, mas não sabia muito bem o que fazer e como fazer. E quando estava quase a acabar o meu 11º de electrotecnia, tomei a decisão de mudar de curso. E esta decisão implicava voltar dois anos para trás, ao 10º ano e mudar para outra escola porque naquela escola não havia Humanidades. E foi isso que fiz. Hoje tenho consciência que foi uma das melhores decisões que tomei em toda a minha vida. Abriu-se um caminho completamente novo na minha vida profissional e pessoal.

#### **Imagino que a leitura sempre tenha estado presente na tua vida.**

Sim, sempre li muito e de tudo.

#### **Mas não tens uma área da leitura que te apaixone de uma forma especial, ou foste tendo fases de gostos distintos ao longo da tua vida?**

Sou um leitor compulsivo e leio de tudo. Quando digo que leio de tudo, é porque leio mesmo tudo. Tanto leio romances best-sellers, como livros de poesia ou livros infantis, ou ainda livros de auto-ajuda ou um jornal desportivo... Leio mesmo de tudo.

#### **Afiguro que não obstante de teres andado dois anos para trás, fizeste o caminho com obstinação.**

Não diria com obstinação mas sim com determinação. Porque eu queria ser autónomo, em termos financeiros, o mais cedo possível. Isso era tão importante para mim que quando acabo o 11º ano de Humanísticas, e acabo com excelentes notas, concorro para o curso do Magistério Primário em Évora, porque seria para breve a minha independência. Sabia, no entanto, que para entrar tinha de fazer uma prova de matemática, bem como a prova de filosofia e português. E eu estava tão determinado a entrar no Magistério Primário que passei um Verão inteiro a estudar matemática desde o programa do 5º ano ao programa do 11º ano.

#### **E isso enquanto os teus amigos estavam na praia, ou pelo menos a absorver a vida sem grandes preocupações. Isso nunca te desviou a atenção?**

Não, nunca. Sou determinado e quando tenho algo em mente, não desisto.

Grupo de Trabalho Permanente dirigido por Filipe Leal, responsável pelas Celebrações dos 250 anos Oeiras



E nessa altura era também o sentido de responsabilidade para com os meus pais, porque eles tinham confiado em mim e eu não os queria decepcionar de modo algum.

#### **Imagino que tenhas passado no exame de matemática?**

Não só passei como fui o único a conseguir passar. E fui o único que passei porque fui o único que detectei um erro no enunciado, o que permitiu ter uma cotação mais alta.

#### **Não me digas que no meio de tanta matemática, acabaste por te apaixonar pela disciplina?**

Não, não me apaixonei. A minha paixão estava mais ligada à filosofia e à história. O que me lembra uma história engraçada. Eu tinha uma professora (Soledade Chagas) que me marcou de uma forma indelével para todo o sempre pela lição de vida que me deu. Eu era um miúdo muito presunçoso, achava que, como era um excelente aluno, era o maior. Quando acabei o 10º ano, tinha tido 19 valores a história, e, como tal, achava que sabia tudo de história. No primeiro teste que fiz com ela, no 11º ano, ela deu-me 3 valores. E eu fiquei estupefacto e fui pedir-lhe contas. E ela deu-me uma lição que acatei com grande humildade porque ‘obrigou-me’ a trabalhar afincadamente, a analisar, a relacionar, a reflectir, em suma, a olhar para a história de uma forma completamente diferente.

#### **O dezanove que tiraste a história afinal era, digamos que decorado?**

Sim, podemos dizer que era um bluff. Percebi que, realmente, eu era um ignorante. E este processo foi muito importante para mim, no sentido de tentar ultrapassar as coisas, as dificuldades, superar-me a mim mesmo. No fundo, crescer.

#### **E Évora, como foi?**

Desisti. E desisti porque essa professora, que antes de ser professora de história no secundário tinha sido professora primária, dizia-me que se-

ria um desperdício eu ir para professor primário. Ela achava que devia ir para a Universidade.

#### **E ao ir para a Universidade, essa independência económica que tanto querias, demoraria mais tempo?**

Exacto. Foi um dilema. Mais uma decisão difícil e determinante. Mas decidi fazer o 12º ano para poder candidatar-me à Universidade. Em Évora fiquei só uns dias, e rapidamente percebi que não era ali que estava o meu futuro.

#### **Voltando à nossa questão de há pouco, és obstinado?**

Não, não sou obstinado, porque se tenho um objectivo e embora me centre nele, a verdade é que se não o alcançar não ‘me mato’. Tento perceber o que correu bem e o que correu mal, como posso fazer melhor da próxima vez, mas sigo em frente. Sou muito centrado no que desejo, mas obstinado, creio que não.

#### **Para que faculdade foste?**

Para a Faculdade de Letras de Lisboa tirar a licenciatura em História. E devo dizer que os dois primeiros anos não foram minimamente interessantes. Achei o curso aborrecido. Não me entusiasmava. Mas depois, no 3º ano, conheci dois professores que mudaram completamente a minha postura perante o curso. Ainda hoje os considero como verdadeiros mestres. Estou-me a referir aos professores Marques de Almeida e Luís Filipe Barreto. Havia estímulo intelectual. Havia uma coisa que eu sempre gostei que é a ‘picardia’ intelectual. Aprendi a argumentar e a defender os meus pontos de vista de uma forma consistente e convincente.

#### **Mas quando é que a tua vida profissional se começa a perfilar? Ou seja, que estratégia tinhas na manga para o teu futuro?**

Isso é curioso de contar e a verdade é que tive sorte, muita sorte na



“(...)o percurso até Oeiras... Foi um percurso que mistura sonho, vontade e sorte.”

vida. Eu quando mudei de escola no 11o ano fui para a Escola Secundária da Camarinha. E aí fazia parte da Associação de Estudantes e tentei dinamizar a biblioteca escolar que lá havia e fi-lo de uma forma bastante prosaica e inocente. Anos mais tarde, estava eu na faculdade, encontro um folheto muito interessante dessa biblioteca e gostei tanto que vou oferecer-me como voluntário. E é nessa altura que conheço o José António Calixto, que era o professor e responsável pela dinamização da biblioteca escolar, e que acaba por ser determinante na escolha da minha futura profissão. Depois de lá estar a trabalhar como voluntário durante uns meses, surge a oportunidade de ser enquadrado no programa Ocupação de Tempos Jovens e obter alguma compensação financeira.

**Isso ao mesmo tempo que estavas a tirar a licenciatura?**

Sim. E quando chego ao 4º ano da licenciatura o José Antonio Calixto tinha um convite da Câmara Municipal de Setúbal para ir para a Biblioteca Municipal e convidou-me para ir trabalhar com ele. E eu fui. E com a minha ida descubro um mundo completamente diferente das bibliotecas municipais que, naquela altura, no final da década de oitenta, estava a despontar. Eram novas bibliotecas, com uma nova filosofia. E eu descobri que era ali a minha vocação. Era aquele o caminho. Por isso, quando acabo a licenciatura decidi tirar o Curso de Especialização em Ciências Documentais para poder entrar na carreira de Técnico Superior de Bibliotecas e Documentação.

**O que é que te apaixona numa biblioteca? Isto porque tiveste de rasgar com uma noção de biblioteca e repensar este espaço de outra forma? Já não era só o sítio onde se ia requisitar livros.**

A grande revolução que as bibliotecas públicas trazem é pensarmos que a bibliotecas não devem estar centradas nos livros mas sim nos leitores. Pensar e organizar a biblioteca em função dos leitores. Isto é revolucionário. Rompe com a ideia tradicional que se tem de uma biblioteca. São bibliotecas vocacionadas para servir os diferentes grupos socioeconómicos da população (dando especial atenção às crianças e aos jovens), prestando serviços gratuitos (consulta presencial de documentos, empréstimo domiciliário, acesso à internet, actividades de promoção da leitura) num horário muito alargado (que abrange os finais de dia e os sábados). Os fundos documentais e os recursos tecnológicos são diversificados e permanentemente actualizados. É dada uma importância fundamental à promoção da leitura e ao desenvolvimento de competências de informação.

**O José António Calixto leva-te para a Biblioteca Municipal de Setúbal e depois?**

Enquanto trabalho com ele faço, em paralelo, as Ciências Documentais e cada vez mais tenho a certeza de que aquele mundo tem tudo a ver comigo. Estou a acabar o primeiro ano de Ciências Documentais quando me fazem um desafio de ir trabalhar para a Biblioteca Nacional, na área do livro antigo (que é completamente o oposto das bibliotecas muni-

pais, o que interesse antes de mais é preservar os livros e condicionar o seu acesso). Foi uma experiência interessante, pois reforçou a minha convicção que aquele não era definitivamente o meu mundo (risos). Mais tarde surge um convite para ir trabalhar para uma Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal. E aceitei, porque queria voltar a trabalhar nas bibliotecas municipais.

**Convém dizer a quem nos está a ler que não tens carta de condução.**

Pois não, e durante um ano tive uma vida completamente louca. Vivia em Setúbal, apanhava o autocarro bem cedo para Alcácer do Sal e às nove entrava na Biblioteca Municipal e cumpria o meu dia de trabalho, saia por volta das quatro e meia e apanhava o autocarro para Setúbal para apanhar de seguida outro para Lisboa para as aulas e entrava em casa à meia noite. Mas tinha de ser porque estava muitíssimo empenhado em inaugurar a biblioteca o mais depressa possível e também em concluir as Ciências Documentais.

**Ou seja o teu trabalho em Alcácer era montar a Biblioteca?**

Sim.

**Um grande desafio?**

O meu primeiro grande desafio. E por vários motivos, de Alcácer do Sal fui trabalhar para Vendas Novas onde estive durante sete anos. Gostei muito. Quando saí de Vendas Novas pelo menos metade das pessoas de Vendas Novas tinham o cartão da biblioteca. E muitas das coisas que trouxe para Oeiras, foram testadas lá. O primeiro Pijama às Letras, por exemplo, não foi feito em Oeiras, mas sim em Vendas Novas. Mas ao fim de sete anos, sentia que já tinha dado tudo o que podia dar de mim àquela biblioteca. Ela já tinha pernas para andar e então começo à procura de outro sítio para trabalhar. E nesta busca, concorro para assumir a Biblioteca Pública de Évora. E o júri acaba por me seleccionar. E isto é engraçado porque um outro candidato forte àquela biblioteca era o José António Calixto. Por esta mesma altura recebo um contacto da Câmara de Oeiras a lançar-me um convite para assumir a Chefia da Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação (DBDI).

**E tiveste de decidir?**

Pois tive, e optei por vir para Oeiras. Foi intuitivo. Oeiras era um projecto muito aliciante. A nível nacional era das bibliotecas municipais mais apetecíveis para se poder trabalhar. Sabia que era um grande desafio porque iria substituir uma pessoa, neste caso a Ana Runkel, que tinha feito um excelente trabalho.

**O percurso até Oeiras foi interessante.**

Também acho. Foi um percurso que mistura sonho, vontade e sorte.

**Terias certamente expectativas quando para cá vieste. Sentes, hoje, que o saldo é positivo?**

É extremamente positivo. Não só em termos pessoais (as condições que tenho tido para desenvolver o meu trabalho têm sido excepcionais) como em termos institucionais (o trabalho desenvolvido pelas Bibliotecas Municipais de Oeiras é reconhecido por toda a gente como sendo de referência). Gostava também de sublinhar que o que encontrei na CMO foi

um ambiente que incentivava a iniciativa, que lança desafios, que dá espaço para sonhar, que reconhece o empenho e o desempenho. Enfim, uma organização onde apetece trabalhar.

**Quer isto dizer que a própria autarquia tem noção da importância do trabalho da DBDI? É também uma aposta política?**

Claro que sim. Em relação aos recursos, há que assinar que, para além das instalações e dos equipamentos, os factores de sucesso das BMO têm sido: a existência de uma visão estratégica clara, consistente e duradoura (que é comum às diversas pessoas que têm chefiado a DBDI); a quantidade, a diversidade e a actualidade dos fundos documentais; a qualidade e pertinência dos serviços prestados; o carácter inovador e sedutor das actividades desenvolvidas; as qualificações, a competência e a entrega total das pessoas que constituem as diversas equipas da DBDI. Tudo isto é possível porque tem havido um grande investimento da Câmara Municipal de Oeiras nas suas bibliotecas, numa combinação perfeita entre vontade política e competência técnica. O resultado está à vista: bibliotecas activas, cheias de leitores de diversas idades, perfil socioeconómico e hábitos culturais. Bibliotecas para as pessoas.

**E aqui chegados e depois de cientes que as bibliotecas públicas são a tua grande paixão, como conseguiste ‘abandoná-las’ e abraçar o desafio de coordenares o Grupo de Trabalho Permanente que foi o timoneiro das Comemorações dos 250 anos?**

Foi realmente um desafio totalmente diferente, o maior desafio profissional que abracei até hoje. Enquanto nas bibliotecas municipais é desenvolvido um trabalho de continuidade, de envolvimento e de relacionamento com os leitores, onde é possível validar soluções e proceder a alterações; num programa composto essencialmente por eventos, como é o caso das Comemorações dos 250 Anos, tudo tem um carácter único e irrepetível e não há margem para erros. Ou seja, se corre bem, corre bem, se corre mal, não tens como reverter o processo, refazer o percurso, proceder a alterações de fundo. A não ser que haja uma segunda edição, o que pode acontecer se o evento não correr bem devido aos erros cometidos (risos). Foi um grande desafio também porque tinha a noção de que este era um momento único na vida da Vila e do Concelho de Oeiras. Não é todos os dias que se festejam 250 anos. E abracei o desafio porque a confiança que foi depositada em mim, por parte do Sr. Presidente, foi o reconhecimento do trabalho que desenvolvi na DBDI e no DPHCB (Departamento de Património Histórico, Cultura e Bibliotecas). Mas havia um conjunto de fortes constrangimentos que condicionava o Programa de Comemorações dos 250 Anos do Concelho de Oeiras. O primeiro dos quais era o pouquíssimo tempo que tínhamos para planear, organizar e realizar os diversos eventos que compunham o programa.

**De quanto tempo estamos a falar?**

O Despacho do Sr. Presidente, que definiu o enquadramento das Comemorações dos 250 Anos, saiu em Agosto de 2008 e era suporte as comemorações começarem a 1 de Janeiro de 2009. Estávamos a correr contra o tempo. Mas, para além da questão do tempo havia outros fortes constrangimentos. Em que espaços podíamos realizar eventos onde estivessem simultaneamente três mil, quatro mil ou cinco mil pessoas a assistir.

Os nossos auditórios não são suficientes pelo seu tamanho. Não podemos esquecer que o maior não chega aos 300 lugares. Tivemos que identificar e adaptar espaços para o efeito. O terceiro constrangimento é que tinha saído nova legislação de Contratação Publica em Agosto e era imperioso que ela fosse religiosamente cumprida. E isto com a falta de tempo foi difícil de gerir. E não obstante esses constrangimentos, aceitei o desafio.

**Acho interessante terem dito que era Celebrar e não Comemorar.**

Sim, e isso foi pensado. Celebrar Oeiras foi o nosso conceito fundador.

**Imagino que comemorar signifique comemorar um passado...**

Exacto, e nós não queríamos comemorar somente um passado, mas olhar o futuro e viver o presente. Comemorar era mais redutor, mais institucional. Celebrar pressupunha um forte envolvimento da comunidade, era um aniversário para ser assinalado pelas pessoas e não somente pelas instituições. E é do conceito Celebrar Oeiras que nascem os eixos programáticos das celebrações dos 250 anos e que na prática são três mais um.

A Oeiras Pombalina, que se baseia no facto de o Marquês de Pombal ser o primeiro Conde de Oeiras, o que trouxe um legado que ainda hoje é visível não somente no património histórico que nos deixou mas também nos traços de identidade de Oeiras.

Depois era determinante olhar para as características socioculturais da população residente no Concelho. Daí assumir a noção de que Oeiras não é uma no sentido sociocultural é muito importante. Oeiras é múltipla. Por isso, outra matriz das comemorações foi a Oeiras Multicultural, não somos só uma comunidade, mas sim várias comunidades, onde a cultura é um factor de identidade. Oeiras é conhecida, também, pelo seu carácter inovador, logo a Oeiras Inovadora. E, por fim, não nos podíamos esquecer das crianças, numa lógica até de legado para o futuro. E daí o quarto eixo programático das comemorações ser Descobrir Oeiras. E este eixo cruzava-se com os outros três. Acho que isto foi brilhantemente tratado em termos de comunicação com aquela frase ‘Oeiras somos todos’.

**Depois da ideia, veio a parte da montagem das comemorações?**

E aí é que foi mais complicado. Pensar que eventos fazer. Quando? Onde? E é aqui que os constrangimentos fazem sentir o seu peso. Se grande parte dos eventos eram ao ar livre era difícil programar a sua realização para antes de Maio. Depois fomos à procura de espaços e houve opções que foram opções estratégicas. Uma delas passou pela utilização da Fundação de Oeiras, que não estava preparada para receber eventos, não podemos esquecer que era uma unidade fabril desactivada. Foi preciso proceder a adaptação dos espaços para acolher os eventos e a Expo Celebrar Oeiras, que só por si ocupou durante sete meses (Junho a Dezembro) 5.000 metros quadrados.

**É verdade, mas por outro lado a Fundação tem um charme que a torna especial.**

Sim, tem o charme do pós-industrial, e não é inocentemente que os eventos integrados no eixo programático Oeiras Inovadora foram canalizadas para ali. Mas fizemos outras apostas em outros espaços que tinham algumas dificuldades, e um exemplo disso é o Parque dos Poetas. É um sítio lindo, muito central e com um potencial imenso, mas, mesmo no Verão, é extremamente ventoso. A própria Fábrica da Pólvora foi pensada para um conjunto de iniciativas, mas houve uma série de problemas que não foram possíveis de resolver atempadamente, impedindo-nos de realizar os eventos que tínhamos previstos para a fábrica. E antes dos espaços, tínhamos de perceber que tipo de espectáculos queríamos integrar no programa. Fizemos duas coisas. Por um lado, foi ir ter com promotores privados que tinham determinados eventos e tentámos trazê-los para Oeiras. O Festival OFFF é um bom exemplo disso. É um festival que já se realizou em Barcelona, Nova Iorque, esteve em Oeiras, e este ano será em Paris, ou seja, foi uma sorte conseguir apanhá-lo cá. Provavelmente não voltaremos a ter uma oportunidade dessas. Outros eventos que podemos dar como exemplo, a XL Party, por exemplo, foi pedido ao promotor que fizesse a maior XL Party de sempre em Portugal e conseguimos que assim fosse. Por outro lado, houve eventos que foram construídos de raiz, como por exemplo o Amor é Fogo – Festival da Lusofonia, o FIDO (Festival Internacional de Dança de Oeiras), a Festa da Criança ou o MITO (Mostra Internacional de Teatro de Oeiras).

Filipe Leal define-se como “um sonhador pragmático”, que sonha à medida do que consegue concretizar



**E pegando no MITO, por exemplo, ou no Amor é fogo, creio que eles teriam muito a ganhar se tivesse sido o ano zero, ou seja, era interessante se tivessem continuidade, até porque há eventos em que precisam de mais do que uma realização para que ganhem forma em termos de público.**

Sem dúvida. Uma das ideias, quando se programou as comemorações dos 250 Anos, foi lançar eventos que depois tivessem continuidade. Houve muito a preocupação de trabalhar com entidades do concelho, estabelecendo parcerias estratégicas, que garantissem dinâmicas de futuro já fora do contexto dos 250 Anos. Há um outro aspecto muito importante relativamente aos 250Anos, é que havia, claramente, um empenho muito grande, não só por parte de todo o executivo camarário e das várias forças políticas, mas de todos os serviços camarários e das equipas externas, porque toda a gente estava embebida no espírito que era esta data única até porque 250 anos só se comemora uma vez.

**Conseguiram mobilizar toda a câmara?**

Sim, (pausa) mas é como te digo, todo a gente estava embebida nesse espírito e como tal foi fácil conseguir essa mobilização. Uma das mais valias foi ver toda a gente a vestir a camisola das comemorações. Os meus colegas do Grupo de Trabalho dos 250 Anos demonstraram um empenho extraordinário e, apesar da pouca experiência com que partimos para esta aventura, os resultados alcançados foram muito positivos.

**Fazes um balanço positivo das comemorações?**

Sim, faço, embora este balanço tenha de ser encarado de varias maneiras. Por exemplo, um dos projectos mais simbólicos das comemorações foi a Expo Celebrar Oeiras que tinha como função, como objectivo mais visível, mostrar aos municípios a dinâmica de desenvolvimento do concelho, dentro de uma lógica temporal passado – presente – futuro. O interesse e a qualidade da exposição foi elogiada por praticamente todos os visitantes.

Todavia, a Expo Celebrar Oeiras ficou aquém das expectativas em termos de visitantes. Tivemos cerca de 9.000 (nove mil) visitantes.

**E porque achas que isso aconteceu, até porque estamos a falar de uma exposição fora de série, muito completa.**

Creio que houve dois factores para tal ter acontecido. O primeiro foi, nitidamente, a data em que ela abriu ao público (9 de Junho). Houve um esforço tremendo por parte das pessoas do Grupo de Trabalho Permanente e das equipas de produção envolvidas para abrir a 25 de Abril, mas tal não foi possível. Quando abrimos estávamos em cima do verão e no final do ano lectivo.

**Acredito que houve outro problema. Não sejamos modestos, a Expo Celebrar Oeiras estava soberbamente bem conseguida, estava lá Oeiras resumida de uma forma exemplar. Será que conseguimos transmitir isso para o público? Será que os nossos municípios tiveram noção do que perderam?**

Às vezes é difícil explicarmos o conceito. E tens razão quando afirmas que é redutor dizer que era uma exposição, porque era bem mais que isso. Mas como explicar o que é a Expo Celebrar Oeiras? Por exemplo, tive muita dificuldade em explicar à comunicação social, até ao presidente, o que era o Festival OFFF. O que é o festival OFFF? Um jogo de futebol as pessoas sabem o que é, agora eventos de vanguarda são difíceis de explicar e consequentemente de transmitir para o público. Por isso, comunicar este género de iniciativas não é fácil e outra coisa que não ajudou foi o facto de termos comunicado, muitas vezes, em concorrência com outras coisas que estavam a decorrer paralelamente não só no concelho como nos concelhos limítrofes.

**Voltando ao balanço.**

Como é que se mede o sucesso dos 250 anos? Mede-se pelo número de pessoas que foram aos eventos? Mede-se por quantidade de eventos que fizemos?

OEIRAS SOMOS TODOS  
**VAMOS CELEBRAR 250 ANOS**



OEIRAS SOMOS TODOS

OEIRAS MULTICULTURAL | OEIRAS POMBALINA | OEIRAS INOVADORA | OEIRAS À DESCOBERTA





A celebração dos 250 anos Oeiras ocorreu durante todo o ano de 2009. Houve eventos, exposições, festivais e muito mais.

**Vamos a algo mais simples, as pessoas que vivem em Oeiras sentiram que se viveu, em 2009, os 250 anos de elevação de Oeiras a vila? Sentiram as comemorações?**

Eu acho que sim. A campanha que esteve na rua 'Oeiras Somos Todos', foi eficaz em termos comunicacionais ou não? Podemos analisar isto de duas perspectivas completamente diferentes. Se funcionou em termos de direccionar as pessoas para o evento A, B ou C? Eu acho que neste aspecto não foi eficaz. E, essencialmente, porque os canais de comunicação estavam saturados. Quando se comunicou o Festival Amor é Fogo decorriam, ao mesmo tempo, uma série de outros festivais e iniciativas típicas do verão. O MITO, outro exemplo, já correu muito bem. Decorreu na primeira semana de Setembro e no mês de Agosto não aconteceu nada de grande dimensão em Oeiras. Pôde-se comunicar o MITO no mês de Agosto todo. Por outro lado, a primeira fase da campanha correu muito bem. Aquela ideia dos rostos, cidadãos comuns, cidadãos anónimos com

o slogan Oeiras Somos Todos, esse espírito correu muito bem. Agora a comunicação mais direccionada, correu mal. Mas acho que o balanço é positivo. Apesar de ser possível e fundamental afinar as estratégias de comunicação dos eventos organizados ou apoiados pela CMO.

**Os 250 anos podem ter servido para, no futuro, aumentar, ainda mais, as ofertas culturais que Oeiras possui? Ou seja, pode transvazar para o futuro, algo dos 250 anos?**

Há aqui duas lógicas diferentes. Há a lógica da programação cultural regular e continuada, no qual os serviços da câmara estão a fazer um trabalho notável, que nos últimos quatro anos deu um salto qualitativo e quantitativo muito grande. Depois há a lógica da organização de eventos, no qual o programa 250 Anos se inseriu, onde há todo um trabalho por fazer ao nível da gestão integrada no âmbito da CMO. Estas duas lógicas não são concorrentes são, isso sim, complementares e obedecem

onde se cruzam o Castelo dos Mouros e o sentido premonitório do Palácio da Vila, a construção de utopias como o Palácio da Pena, o misticismo da Quinta da Regaleira, etc. Tudo isto caracteriza, inequivocamente, Sintra. Cascais também tem uma identidade claramente definida, «Estoril Charmoso», onde se cruzam o Casino, o Autódromo, a Marina, os grandes eventos internacionais (Estoril Open, Festival de Cinema do Estoril, Estoril Jazz, etc.). A identidade de Lisboa decorre do seu estatuto de capital, é a «Lisboa Cosmopolita», o fervilhar do Bairro Alto onde se forjam as novas tendências e vanguardas e onde coexistem a antigo e o novo, os grandes concertos e espectáculos internacionais, as instituições de referências que nos sintonizam com o mundo (Gulbenkian, CCB, Culturgest, etc.) a reciclagem das tradições populares (Fado, Marchas, Casamentos de Santo António) para efeitos turísticos. E Oeiras, qual é a sua vocação, a sua identidade cultural? Eu costumo dizer a brincar que Oeiras está aqui no meio do triângulo das Bermudas e que ainda não encontrou a sua identidade Cultural. E é fundamental que encontre. Onde está a especificidade de Oeiras? Na minha opinião a vocação cultural de Oeiras passa por se assumir como a «Oeiras Criativa». Temos todas as condições. Temos o potencial humano da nossa população (basta referir que somos o concelho com maior percentagem de licenciados e de doutorados). Temos as empresas de base tecnológica e as instituições de investigação. Temos um mix multicultural único, onde se conjugam diferentes visões do mundo, formas de estar e de ser. As grandes tendências internacionais no campo da cultura dão corpo (nesta era de globalização) a movimentos de fusão, de contaminação, de exploração e de aceitação.

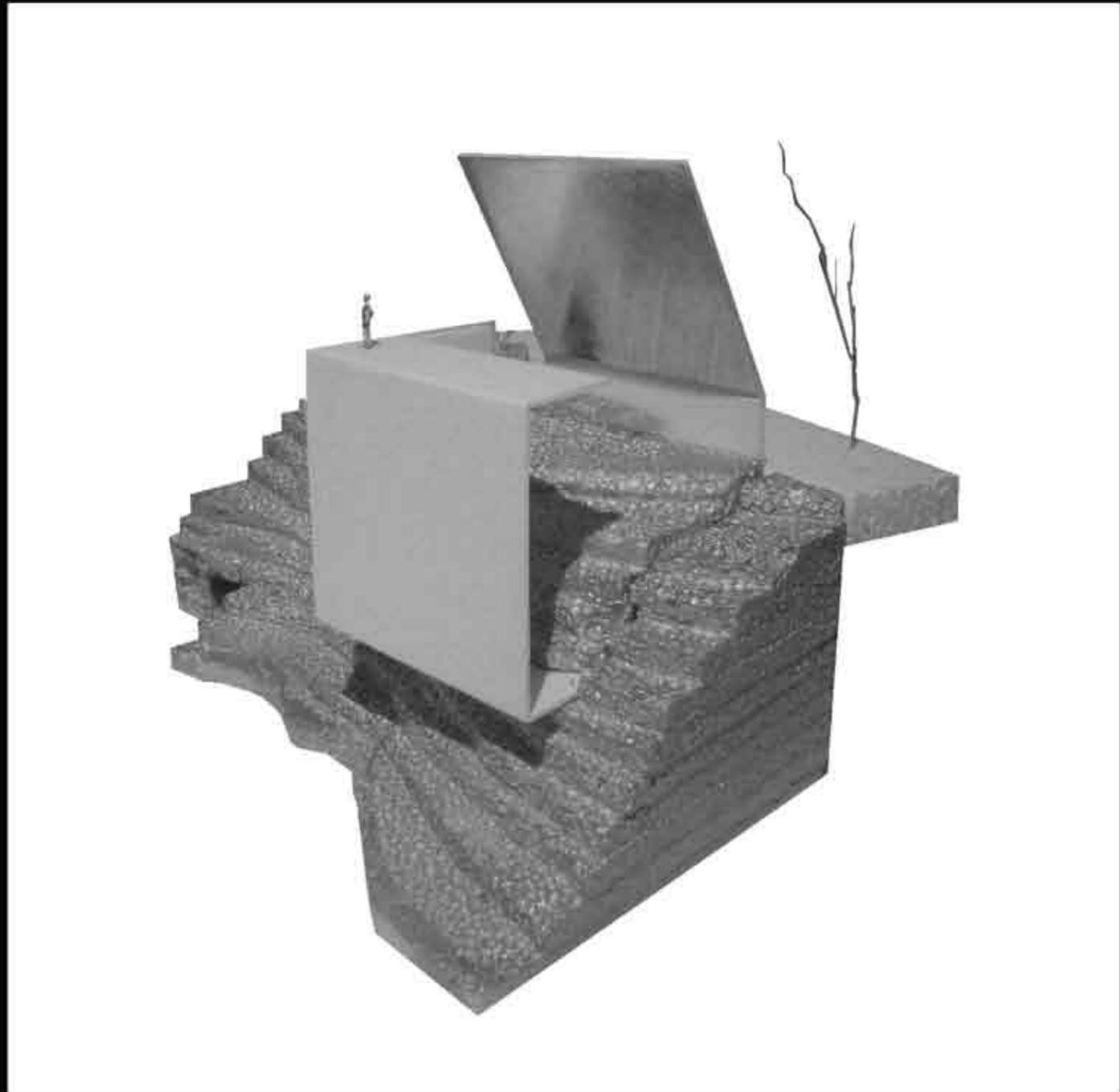
**E em termos de Futuro? Vais voltar para as Bibliotecas? O que podemos esperar do Filipe Leal profissional?**

Boa pergunta. O bichinho das bibliotecas públicas vai estar sempre dentro de mim. Foram vinte anos a trabalhar nessa área, com um verdadeiro espírito de missão. Um dia espero regressar às bibliotecas municipais. Todavia, aquilo que gostaria de fazer a seguir era continuar a trabalhar na área dos eventos. Gostaria de poder liderar uma equipa que tivesse por missão estabelecer e implementar um plano estratégico de eventos para o concelho de Oeiras. Esses eventos, cuja responsabilidade de organização será da Câmara Municipal, terão necessariamente que ser concebidos em função das características do concelho e da sua vocação estratégica. Neste contexto, seria muito interessante apostarmos na promoção da língua portuguesa (onde se enquadram eventos como o MITO ou o Lusofonia(s)), na nossa herança pombalina (onde se enquadra a realização de um evento como a Oeiras Pombalina) ou no nosso potencial de criatividade e inovação (onde se enquadram eventos como o Oeiras Criativa). Acima de tudo quero poder continuar a dar o meu melhor contributo para o desenvolvimento do concelho de Oeiras. Estou sempre aberto a desafios. E espero estar à altura deles.

a propósitos diferentes. Os grandes eventos são importantes para, de alguma forma, dar notoriedade às regiões. E um bom exemplo disso é o Air Race que opôs Porto a Lisboa. Podemos, também, falar de Óbidos com o Festival do Chocolate. Ou de Santa Maria da Feira, com a Viagem Medieval que leva lá, em 15 dias, meio milhão de pessoas. A Câmara Municipal de Oeiras tem que investir nesta nova lógica. Aliás, já o está a fazer, basta olhar para o exemplo do Air Race. E depois falta aqui uma outra coisa muito importante e sobre a qual vale a pena reflectir: Oeiras precisa de uma visão estratégica para a área da cultura, que terá que ser perspectivada no longo prazo.

**Achas que precisamos competir em termos culturais?**

Claro. Olhemos para os concelhos à nossa volta. Temos a «Sintra Romântica», onde a beleza e força telúrica da Serra de Sintra cria um ambiente único, que nos remete para o imaginário do romantismo do século XIX,



**CASA BATERIA**  
MAQUETE CASA ESPELHO DCG



# CASA BATERIA\_

\_(a partir de uma ideia original de Diogo de Castro Guimarães)

texto **ARQ. LUÍS MARIA RODRIGUES BAPTISTA** \_imagens 3D **LUBÉLIA REIS E PEDRO CATARINO**

## **\_CAMINHAR E PROJECTAR : O SÍTIO**

Do hábito há muito desenvolvido, de passear pelos espaços do concelho e de projectar neles à medida que caminho situações imaginárias de espaço, aparece a ideia da casa aqui proposta. Imaginada conceptualmente em contexto académico, foi transposta e desenvolvida para um dos últimos valiosos pedaços de terra vazia, situado junto à linha marginal em Caxias, entre o Forte de São Bruno e o Forte da Giribita, delimitado pelo Rio Tejo e Av. Marginal a sul e pela Rua Salvador Allende a norte.

A escolha do sítio para implantação da solução projectual imaginária em causa, resulta da vontade de desenvolver uma estratégia conceptual de questionamento e de contradição aparente em relação às estratégias de sustentabilidade proliferantes. Se por um lado o terreno escolhido se constitui como uma ilha verde iluminada com vista para o mar envolvida num espesso manto verde, que o declive acidentado ajuda a intensificar, por outro situa-se num contexto urbano bastante movimentado do ponto de vista do tráfego.

## **\_CASA**

A casa é o lugar de confluência e partilha de todas as energias humanas, naturais e tecnológicas, espirituais, essenciais, imaginárias e artísticas. É por excelência o programa de arquitectura, que melhor reflecte as necessidades essenciais do ser humano. Enquanto instrumento de percepção e de pensamento é o dispositivo espacial suporte dos grandes movimentos interiores e exteriores do Homem.

A casa é a virtualização essencial da gestualidade humana. Lugar de dispersão, de concentração, de exercitamento e de confluência de todas as energias humanas, naturais e tecnológicas, desde as de natureza espiritual / essencial e artística, às de natureza material / física e química.

Arquitectar uma casa (sustentável) é pensar o principal material de construção que está na sua origem - o corpo humano: energia em potência. É pensar as relações que estabelece com o espaço natural, construído, social e cultural, do ponto de vista das possibilidades performativas que permite a quem a vai habitar e das possibilidades de trabalho no sentido energético, que tem capacidade de albergar. A expressão popular “carregar baterias”, relacionada com estados humanos do corpo, de falência de energia física e psíquica nunca antes se aplicou de forma tão total, como contemporaneamente.



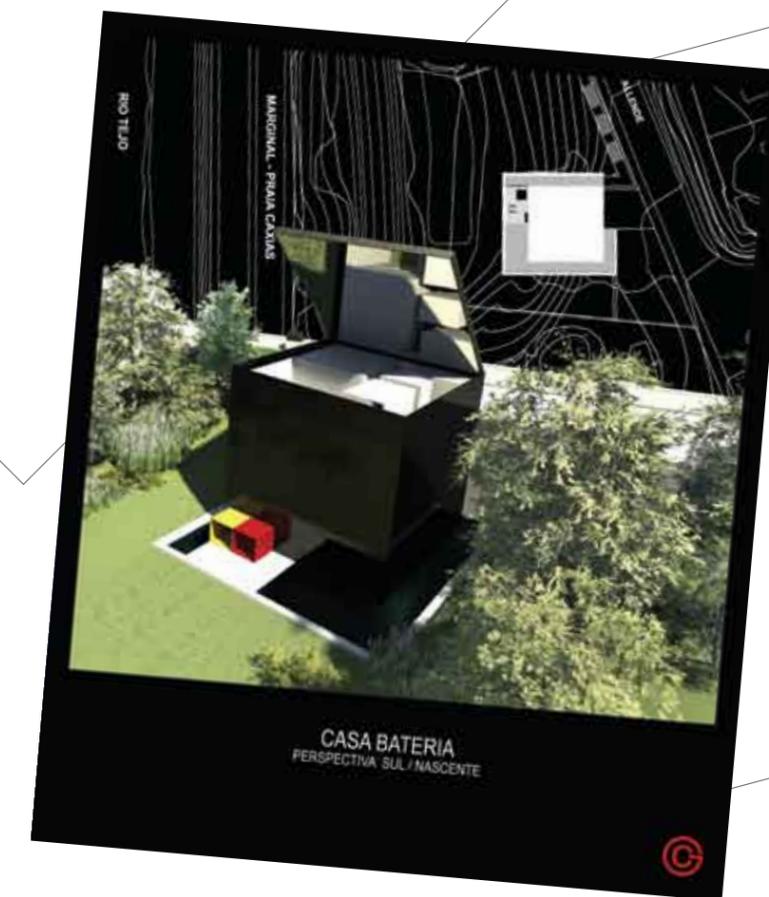
ENQUADRAMENTO

## **\_PROJECTO**

Diogo de Castro Guimarães  
Lubélia Reis  
Luís Baptista  
Pedro Catarino

## **\_LOCALIZAÇÃO**

Caxias entre o Forte de São Bruno e o Forte da Giribita



### CASA BATERIA

A casa aqui apresentada é na sua génese conceptual uma bateria recarregável, cujo funcionamento sustentável do ponto de vista energético depende das relações físicas, naturais e materiais que estabelece com o sítio de intervenção e dos processos de forma e energia (criativa) desenvolvidos pelo corpo daqueles que a vão habitar.

O corpo humano é o primeiro material de construção sustentável. Aparece através da consciencialização dos processos de forma criativos que ocorrem entre o seu interior e exterior e do aproveitamento dos recursos energéticos e das essências materiais em potência na sua corporeidade.

A casa bateria, não é exclusivamente o lugar de eterno retorno à natureza perdida, deve antes de tudo constituir-se contemporaneamente como o lugar primordial de pensamento, de alteração e de criação de novos níveis da consciência humana.

É o lugar de cristalização e alteração primordial do Humano por vir, de ligação entre o sonho / devaneio e uma não-natureza de carácter a-real que já não é a natureza informe que todos tentámos camuflar, simular, re/formar a partir de conceitos ideais de resquícius de natureza que ainda reconhecemos.

A casa bateria não é apenas o lugar da mimetização, da simulação e da reconstrução de uma natureza reconhecível de carácter universal. É o lugar de alteração da memória, de informação (mudança de forma) da consciência e de transformação de todos os processos de forma, de exercitamento e essencialização energética da vida humana. É o lugar de antecipação de uma nova natureza, que através da sua forma abstracta de cubo preto, estabelece a ligação/colisão múltipla de sentidos com a natureza que todos reconhecemos. É antes de tudo um espaço de atribuição/projecção e desvio de todos os sentidos possíveis, de questionamento e de ausência de significados pré-definidos. A casa bateria é o espaço trans/lúcido por vir, capaz de restabelecer novos equilíbrios energéticos nos processos de forma criativos do ponto de vista natural, material e humano.

### ABECEDÁRIO ARQUITECTÓNICO DE PROJECTO:

o cubo preto, a tampa-espelho, o carro eléctrico, os espaços-bateria, o jardim oriental, o tanque e o corpo humano branco e preto.

A casa bateria apresenta-se como um volume cúbico preto caracterizado por uma grande tampa / cobertura móvel regulável, com inclinação variável entre 0o e 45o, que permite controlar a intensidade luminosa, a temperatura e a visão dos conteúdos resultantes da reflexão exterior daquilo que se passa no seu interior e vice-versa através do grande espelho colocado na face de dentro. Rodeada de espaços verdes o cubo preto apresenta-se como entidade espacial abstracta exposta a todos os sentidos e pensamentos que quem se confrontar com ele for capaz de nele projectar. Geometria e Natureza colidem criativamente.

A casa bateria é um dispositivo de reflexão óptica e filosófica. É um dispositivo cubista de captura e projecção simultânea de imagens interiores e exteriores conforme o ângulo de inclinação da sua cobertura.

Exteriormente as suas superfícies são revestidas a painéis fotovoltaicos e interiormente são revestidas a vidro temperado branco impresso.

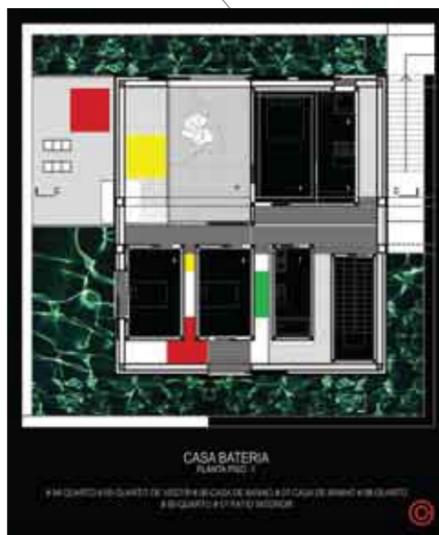
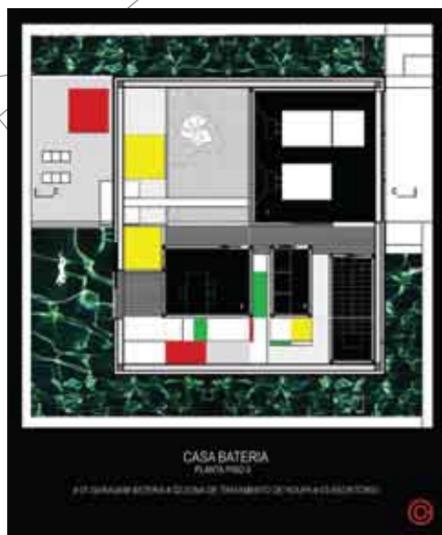
O seu interior alberga todos os espaços-bateria do programa individualizados/separados por intervalos/vazios entre si, como se de sub-baterias ou de baterias mais pequenas se tratassem.

Tem como particularidade o facto dos carros que alberga serem eléctricos e funcionarem também como baterias recarregáveis, móveis, podendo partilhar a energia acumulada entre si e até vendê-la à rede em caso de excesso de produção. O carro eléctrico da casa bateria é uma espécie de negativo arquitectónico do espaço-garagem onde se liga à corrente para

carregar ou partilhar energia. O carro eléctrico integra materialmente a casa. É matéria conceptual de projecto e simultaneamente material de construção e de preenchimento de limites.

A casa bateria está fisicamente ancorada/ligada ao terreno-tomada, por uma estrutura em aço ao nível do piso -1 que a suspende no ar sobre um limite aquático: um tanque, ex-libris todo o sistema sustentável de aproveitamento e tratamento das águas pluviais que circula dentro dessa estrutura e se distribui pelos seus vários espaços, podendo ser utilizada ludicamente para deleite humano como chuva sobre o jardim de concepção oriental: lugar síntese de todas as energias e de miniaturização da natureza ao nível do piso -1, o piso dos quartos. Espaço de repouso e de carregamento de energias físicas e psíquicas.

Na casa-bateria à semelhança da arquitectura popular, as paredes voltam a ganhar espessura, melhorando não só o comportamento térmico da casa como toda a vivência humana através do dramatismo poético introduzido pelo degradé claro escuro do ponto de vista luz/sombra que desse modo caracterizará toda a casa do ponto de vista das atmosferas.



### PROGRAMA VS. CORPO

A casa-bateria organiza-se em 3 pisos, hierarquizados programaticamente do ponto de vista funcional de acordo com conceitos energéticos naturais e humanos.

No piso 0 à cota da Rua Salvador Allende, no ponto mais alto do terreno situam-se o Escritório, a Garagem e a Lavandaria. É o piso de manutenção e partilha energética do ponto de vista do trabalho. Aqui proliferam as máquinas: do carro, as máquinas de lavar e o corpo humano em laboração.

No piso intermédio -1, situam-se os quartos e um pátio-jardim de meditação. É o piso onde a imobilidade é o silêncio do movimento. É o piso do corpo privado por excelência onde se dá aparência e se exercita todas as substâncias e essências dos seres humanos. Lugar de todas as transferências energéticas entre o interior e o exterior do corpo humana. É aqui que aparecem todas as formas sem aparência da tecnicidade humana e se dá forma a todos os devaneios.

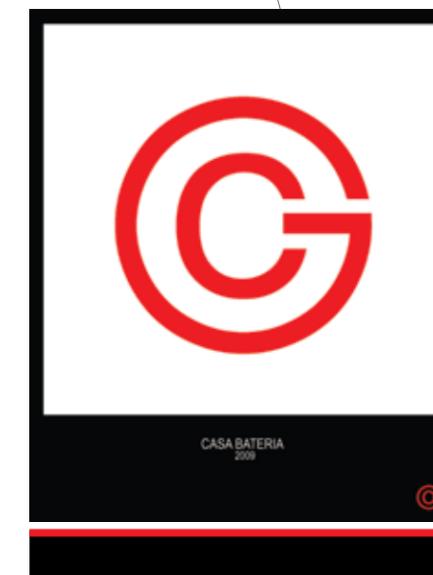
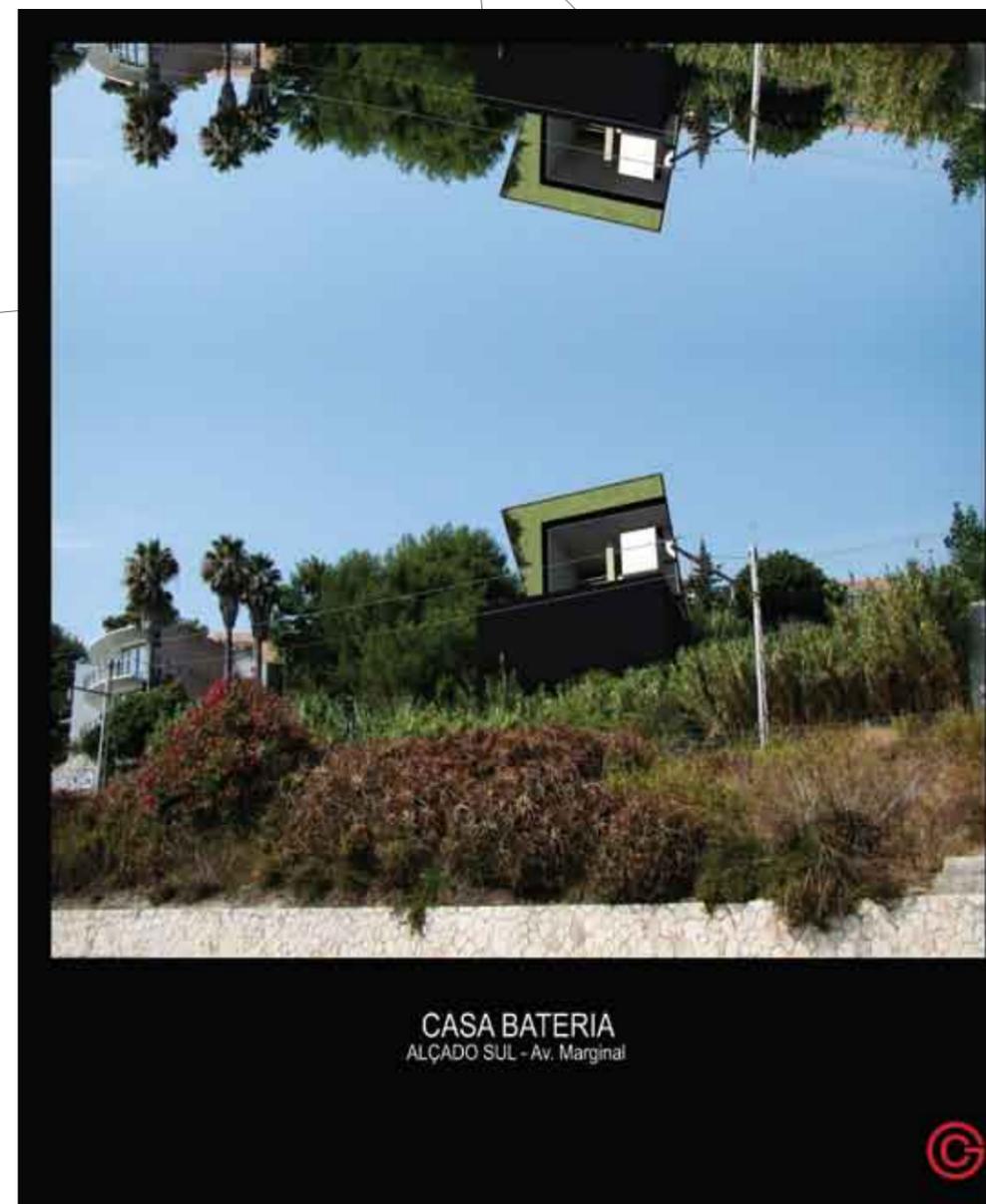
No piso inferior -2, situam-se os espaços sociais da casa, a sala de jantar, a sala de refeição associada à cozinha e ao espaço exterior para refeições. É o piso do corpo colectivo, social e lúdico de comunhão com os elementos naturais como a terra, água, o sol e o vento.

### ILUMINAÇÃO

A iluminação da casa foi pensa como um sistema de sinalização criador de toda a ambiência interior através da utilização de cores como o vermelho, o amarelo e o verde, em caixas de vidro colocadas nos intervalos entre o tecto e os pavimentos dos espaços bateria.

### MATERIAIS

Painéis fotovoltaicos, vidro temperado preto e branco, aço, painéis solares e madeira.



### CONCLUSÃO

#### UMA CASA ESPELHO

A organização programática e os conceitos energéticos da casa bateria é o reflexo da criação de uma estratégia conceptual de sustentabilidade do ponto de vista da criação de hierarquias ao nível da criação de estratégias perceptuais que têm como tema a energia, não só a dos recursos naturais como a água, o sol e o vento, mas as dos fenómenos da experiência humana simbólica e real. A casa bateria é uma casa espelho!

Muitos são os espaços verdes que, diariamente, preparamos para si. Do norte ao sul do concelho, desfrute destes lugares e aprecie as flores de Inverno que neles florescem

#### JARDIM DE ALGÉS

Espaço verde que corta com o urbanismo dando cor e alegria à malha urbana.



# ISABEL JONET\_ O VOLUNTARIADO COMEÇA EM CASA

texto por CARLOS VAZ MARQUES \_ fotos de CARLOS SANTOS

Percorre a Marginal, todos os dias, ainda antes das oito da manhã. Por vezes, vê nascer o sol durante o trajecto e não hesita em dizer que não há, em todo o mundo, estrada mais bonita.

A presidente do Banco Alimentar contra a Fome sabe valorizar o que a vida tem de melhor.

Convive diariamente com o que ela tem de pior e as dificuldades que testemunha todos os dias fizeram de Isabel Jonet uma pessoa mais despojada.

O termómetro da crise, que é o Banco Alimentar contra a Fome, fá-la perceber que a situação que se está a viver é gravíssima. Fá-la também aconselhar cautelas em relação ao Rendimento Social de Inserção, uma medida importante mas que pode ter efeitos perversos

Em Oeiras, apesar de tudo e das diferentes realidades sociais nas diferentes freguesias, diz que as coisas funcionam. Isabel Jonet, 49 anos, vive a uma distância relativamente curta da casa onde cresceu e depois de ter estado uns anos no estrangeiro voltou à aldeia da sua infância. A «aldeia» é Santo Amaro de Oeiras. Gosta da calma e da civilidade que encontra aqui, bem como de poder continuar a fazer compras a pé e a deixar os filhos saírem à rua de forma despreocupada.

**Sente-se uma oeirense?**

Gosto muito de viver em Oeiras. Sempre vivi em Oeiras. Desde os três anos. Primeiro em casa dos meus pais e agora numa casa minha. Passei oito anos na Bélgica e ainda morei também, durante seis anos, em Cascais. Mas gosto muito de morar em Santo Amaro de Oeiras. Acho que Santo Amaro de Oeiras é um bairro. Posso dizer-lhe, por exemplo, que ainda tenho conta na farmácia. Isto ainda existe, hoje em dia. O farmacêutico trabalha na farmácia há mais anos do que os que eu tenho de vida. Conhece-me de sempre. Vou ao mesmo talho desde pequena.

**Parece-lhe que, no concelho, essa noção de comunidade é uma particularidade de Santo Amaro de Oeiras?**

Em Santo Amaro de Oeiras isso existe. Noutros bairros de Oeiras perdeu-se. São inevitavelmente diferentes as freguesias onde as casas são substituídas por grandes prédios de betão, onde as pessoas apenas vão dormir. Eu tenho a sorte de poder usar o bom de Oeiras: o poder andar a pé, por exemplo. Santo Amaro de Oeiras é muito confortável. Os meus filhos andam sozinhos nas ruas de Oeiras porque são ruas muito seguras, ainda. Podemos fazer compras a pé. E normalmente todos os dias vou passear no paredão de Oeiras das dez às onze da noite. É extraordinário ter isso ao lado de casa.

**É disso que gosta mais em Oeiras?**

É da calma. A possibilidade de se estar na cidade estando fora da cidade. Oeiras efectivamente é um concelho que funciona.

**De que é que gosta menos?**

Não sei de que é que gosto menos. Oeiras é um concelho que é – não sei se posso usar esta palavra – burguês, na boa aceção do termo. Há muitas coisas que são muito civilizadas em Oeiras: os parques de Oeiras, a biblioteca. A Biblioteca de Oeiras é uma biblioteca extraordinária. Freqüento-a muito assiduamente com os meus filhos. Não sei, de facto, de que é que gosto menos em Oeiras.

**Nem sequer lhe ocorre falar do trânsito na Marginal, tendo de se deslocar diariamente entre Oeiras e Lisboa?**

Quanto a isso até se vai rir. Vai já ver que eu sou uma optimista. Há o comboio. Eu não venho de comboio, como podia, e demorava vinte minutos até Alcântara. Mas os meus filhos vêm de comboio

todos os dias. Eu, como saio de casa diariamente às sete e meia da manhã, também demoro vinte minutos a chegar a Alcântara. Não há trânsito na Marginal a essa hora e não há estrada nenhuma no mundo mais bonita do que a Marginal. Poder fazer a Marginal é uma graça diária. É um gozo diário ver o nascer do sol em algumas épocas do ano. Todos os dias a Marginal é diferente: ou porque há maré cheia ou porque há maré vazia. Podermos começar e acabar os dias com a Marginal é uma coisa extraordinária. Ainda por cima, ao morar em Oeiras, só se faz meia Marginal. Portanto, tem-se o gozo sem se ter a totalidade da chatice.

**As necessidades que o Banco Alimentar contra a Fome socorre no concelho de Oeiras estão a par daquilo que se passa no resto do distrito de Lisboa ou vê algum tipo de diferença?**

Oeiras é um concelho muito díspar. Tem freguesias muito mais ricas umas do que outras e aquilo que se procura fazer é conhecer a realidade de cada freguesia indo ao encontro das necessidades das instituições que estão no terreno. Essas instituições conhecem bem as pessoas carenciadas que apoiam. É muito diferente o apoio que é dado na Outeira e em Carnaxide do que é dado em Santo Amaro de Oeiras. Aquilo que se procura, efectivamente, é levar a cada freguesia aquilo que são as necessidades da população.

**Mas vê diferenças em relação aos concelhos limítrofes ou diria que na Grande Lisboa, a nível concelhio, há uma mancha relativamente uniforme no que diz respeito às carências sociais?**

Não, não há. No centro de Lisboa, por exemplo, as características da pobreza são diferentes. Há uma população muito mais envelhecida, os bairros estão muito mais isolados. Nas zonas periféricas, são pessoas que trabalham fora e que usam a sua casa quase como dormitório. Embora Oeiras talvez seja um bocadinho diferente, nesse aspecto. Ainda há muitas creches e muitas pessoas que deixam as suas crianças e há lares de idoso e ATLS. Apesar de tudo ainda há uma estrutura familiar a funcionar. Em Oeiras até mais do que em Sintra, por exemplo.

**Isso reflecte-se no tipo de ajuda que é pedida ao Banco Alimentar?**

Sim. As instituições que apoiam as famílias carenciadas estão adequadas à situação e dão uma boa resposta social às necessidades dessas famílias.

**Ainda se lembra do primeiro trabalho voluntário que fez, aos 12 anos?**

Lembro-me muito bem. Foi no Hospital de Santana, na Parede. Íamos entreter crianças que tinham sido operadas.

**Como é que as entretinha?**

Brincávamos com elas, fazíamos desenhos, contávamos histórias e ajudávamos a dar a refeição. Isto era no tempo em que era permitido o voluntariado infantil nos hospitais.



**Hoje já não é?**

Já não. Aquilo humanizava-nos muito. Humaniza as pessoas que fazem voluntariado e aproxima as crianças umas das outras. Com 12 anos, nós íamos de comboio, de Santo Amaro de Oeiras à Parede, éramos um grupo de quatro amigas e fazíamos isto duas vezes por semana.

**Imagino que isso terá sido numas férias de verão.**

Era em todas as férias de verão. Dos 12 aos 16 anos fizemos sempre isso.

**Essa decisão de ir fazer voluntariado foi sua ou alguém a motivou?**

As férias de verão eram demasiado longas e eram tempos desocupados. A minha mãe achava que nós nos devíamos ocupar de alguma maneira. Então, como havia esta hipótese e era perto, fazíamos isto sempre.

**Havia tradição de voluntariado na sua família?**

Creio que em todas as famílias portuguesas, ou em quase todas, há uma tradição de voluntariado mesmo quando ele não é verbalizado com esse nome. O voluntariado é uma emanção natural de qualquer ser humano. O voluntariado para mim começa em casa. Os maiores voluntários são os pais e são os filhos quando sentem que participar numa família é cada um dar à família um pouco daquilo que pode fazer.

**Já a ouvi dizer que esse tipo de voluntariado, em casa, é o mais difícil, talvez mesmo mais difícil do que o voluntariado exterior.**

Sim. É muito mais difícil começar a fazer o bem dentro de casa com os nossos próximos do que com aqueles que estão fora. Agora também lhe digo, hoje em dia, infelizmente, como as famílias têm pouco tempo quebrou-se muito este espírito do dar desinteressado e de participar nas tarefas mais pequenas. Quando eu vejo pais que pagam aos filhos para eles fazerem tarefas em casa – pôr a loiça na máquina ou passear o cão – isso é desvirtuar as relações e é destruir as famílias.

**Aqui há tempos dizia que o voluntariado é uma opção que quando se experimenta nunca mais se larga, sobretudo depois de se perceber que é muito mais aquilo que se ganha do que aquilo que se dá. Quando é que se apercebeu disso?**

Penso que esta vivência do voluntariado na sua plenitude foi algo de que só tive a percepção aqui, no Banco Alimentar. Muito embora sempre tenha feito voluntariado e sempre tenha recebido muito. Isto quando se experimenta já não se deixa de fazer.

**Qual diria que é a recompensa maior dessa sua dedicação ao voluntariado?**

É a certeza de que ao darmos-nos de uma forma integrada e plena se muda a vida de outras pessoas.



267 mil pessoas são apoiadas diariamente com alimentos que saem do Banco Alimentar.

**O trabalho do Banco Alimentar é, todo ele, em regime de voluntariado ou, apesar de tudo, há tarefas que têm de ser pagas?**

Há tarefas que têm de ser pagas. O voluntariado, pela própria definição do termo, não se pede, dá-se. E há tarefas que temos de garantir em permanência. Embora a maior parte dos voluntários do Banco Alimentar sejam voluntários em *full-time*. A maior parte das pessoas que trabalham aqui, trabalham com horário de trabalho.

**Mesmo não sendo remuneradas.**

Sim, mesmo não sendo remuneradas. No Banco Alimentar contra a Fome de Lisboa colaboram todos os dias setenta pessoas voluntárias. A maior parte delas trabalha cá durante oito horas por dia: das 9 da manhã às 6 da tarde. E avisam e pedem desculpa quando não podem vir. Mas para além disso há um conjunto de tarefas que temos de acautelar e que são asseguradas por profissionais.

**É possível traçar um retrato-robô do voluntário?**

Há voluntários de dois tipos: há os assíduos, pessoas que podem dispor mais do seu tempo, e os voluntários pontuais, de campanha.

**O que lhe estava a pedir era um retrato-robô em termos humanos.**

São pessoas extraordinárias e, sobretudo, pessoas comprometidas. Só se pode ser voluntário se se for uma pessoa comprometida. Se não se tem a certeza de que se pode mudar o mundo com a sua forma de estar na vida não se pode ser voluntário. Porque não se trata apenas de dar algum tempo a quem precisa, é muito mais do que isso. É uma forma interventiva de viver.

**São pessoas maioritariamente mais velhas ou também há bastante gente nova?**

Os voluntários assíduos, que dispõem do seu tempo, são maioritariamente mais velhos. Muitos deles são reformados ou pré-reformados ou desempregados. Entre os voluntários de campanha há muita gente nova que olha para o Banco Alimentar como aquele fim-de-semana por ano em que faz voluntariado.

**Para quem possa eventualmente pensar que talvez gostasse de experimentar fazer voluntariado, que conselho daria?**

Se quer ser mesmo voluntária basta aparecer. Basta essa pessoa dizer que quer ser voluntária e aquilo que a motiva. Todos os voluntários têm uma primeira entrevista com o chefe dos voluntários e recebem formação porque temos de disseminar a cultura do Banco Alimentar. E a cultura do Banco Alimentar é a de um voluntariado comprometido. É um voluntariado que quer perdurar para além de apenas umas horas. Portanto, nesse primeiro momento temos de perceber aquilo que move as pessoas.

**Isso tem de ser presencial?**

É necessariamente presencial. Temos de conhecer as pessoas e de perceber o que é que as motiva. Porque por vezes há pessoas que têm motivações incorrectas.

**Dê-me um exemplo.**

Por exemplo, achar que o voluntariado é uma forma de passar o tempo. O voluntariado não é apenas uma forma de passar o tempo.

**Acontece-lhe ver aparecer aqui gente inquestionavelmente cheia de boa vontade mas que na verdade, mais do que ajudar, acaba por vir atrapalhar?**

Como imagina, nestes 16 anos já me apareceu de tudo: pessoas com ideias peregrinas, que achavam podiam mudar toda a gestão do Banco Alimentar, que tinham fórmulas mágicas. Nós damos sempre oportunidade às pessoas de nos exporem aquilo que pensam mas não implementamos soluções antes de as estudarmos correctamente. Como diz o brasileiro: em equipa vencedora não mexe. Nós mexemos algumas peças mas quando temos a certeza de que o resultado final vai melhorar. Há sempre pessoas com muito boa vontade mas que são totalmente irrealistas e nós temos que ter todo o cuidado com esta máquina - porque isto já é uma máquina mas uma máquina humanizada - que hoje em dia ajuda a alimentar tantas pessoas.

**Quantas pessoas estão dependentes, diariamente, da ajuda do Banco Alimentar contra a Fome?**

Todos os dias são apoiadas com alimentos que saem de um dos dezasseis Bancos Alimentares 267 mil pessoas. Mas essas pessoas não são apoiadas directamente pelos Bancos Alimentares. São apoiadas pelo canal das instituições de solidariedade.

**Ou seja, o Banco Alimentar contra a Fome não serve refeições.**

O Banco Alimentar não serve nada directamente. Contribui para que outras instituições utilizem os produtos. Ao termos redes capilares,

muito próximas das pessoas, aquilo que podemos é fazer um trabalho mais eficaz. Há um conhecimento muito próximo de cada situação. Com afecto pode-se mudar a situação das pessoas. Nós não queremos que as pessoas continuem a ser pobres. O que queremos é fazer com que as pessoas possam deixar de ser pobres. Um dos grandes problemas das pessoas pobres é que, muitas vezes, não sabem viver de outra maneira. Nem acreditam que seja possível viver de outra maneira.

**Há uma cultura de pobreza que também é necessário tentar erradicar?**

Exactamente. É preciso ensinar as pessoas a quererem deixar de ser pobres. Muitas vezes me têm perguntado: não te incomoda dares o peixe em vez de ensinares a pescar? Não, não me incomoda nada. Porque hoje em dia, muitas vezes, as pessoas não têm força para agarrar nas canas. É nisso que nós procuramos ajudá-las. E sobretudo há muitos rios que estão secos. Portanto, temos de as redireccionar para outros desportos, que não a pesca, ou ajudá-las a pescarem de outra maneira. Para isso tem de se ajudar cada pessoa pobre, primeiro a acreditar nela própria e a acreditar que os seus filhos vão poder viver de outra maneira. Ensiná-los a fazer de outra maneira.

**O que é que diria que caracteriza essa cultura de pobreza?**

É uma coisa tremenda, que é a acomodação. É contra esta acomodação e contra esta incapacidade de mudar por não se acreditar que se é capaz que nós procuramos levar as instituições a fazer de outra maneira.

Eu tenho a sorte de poder usar o bom de Oeiras: o poder andar a pé, por exemplo. Santo Amaro de Oeiras é muito confortável. Os meus filhos andam sozinhos nas ruas de Oeiras porque são ruas muito seguras, ainda. Podemos fazer compras a pé. E normalmente todos os dias vou passear no paredão de Oeiras das dez às onze da noite. É extraordinário ter isso ao lado de casa.





Isabel Jonet  
Presidente do Banco Alimentar contra a Fome.

**Há instrumentos do Estado com esse mesmo objectivo, como o Rendimento Social de Inserção.**

Se não se tem cuidado, o Rendimento Social de inserção pode ser em si mesmo perverso, porque vai prolongar este tipo de comportamentos acomodatórios. Há que ter cuidado. Obviamente, o Rendimento Social de Inserção é uma medida necessária mas deve ser uma medida de emergência. Temos famílias que vivem há anos e anos com o Rendimento Social de Inserção. Sobretudo porque a diferença entre o Rendimento Social de Inserção e o salário mínimo é muito baixa e isso não é um incentivo ao trabalho. Não há nada pior para estas famílias, como para qualquer pessoa, do que o não-trabalho.

**A crise económica que temos estado a atravessar sente-se no Banco Alimentar contra a Fome?**

Sente-se. Temos diariamente pessoas que acorrem aos armazéns dos Bancos Alimentares a pedir apoio.

**Mais pessoas do que anteriormente?**

Muito mais. Vêm, mesmo sabendo que nós não damos nada directamente. Procuram o Banco Alimentar até como refúgio. Nós vivemos numa sociedade muito desumanizada e muitas vezes as pessoas em crise não têm quem as oiça. Os serviços da Segurança Social, que lhes podem dar algum apoio, não dão tempo. E a maior parte destas pessoas estão desesperadas e precisam de quem as oiça.

**O Banco Alimentar também providencia, além de bens alimentares, essa proximidade humana de que sente que as pessoas necessitam?**

Diariamente. A toda a hora. Temos aliás uma técnica e voluntárias que a única coisa que fazem é ouvir as pessoas procurando encaminhá-las para a instituição mais próxima da sua residência ou que pode dar uma melhor resposta aos seus problemas específicos.

**É por isso que dizia recentemente que, mais grave do que a crise económica, existe uma outra crise a que chama uma crise de valores?**

É. As pessoas estão muito sozinhas. Esta crise económica é gravíssima pela elevada taxa de desemprego mas há uma coisa de que não se fala: há muitas famílias que tinham dois empregos e perderam um. Estas pessoas não são contadas nos centros de emprego como desempregadas, porque efectivamente não o estão, mas perderam uma das suas fontes de rendimento. São pessoas que vivem com muitas dificuldades.

**É nesses casos que se fala de pobreza envergonhada?**

É uma pobreza envergonhada mas é sobretudo uma pobreza desesperada, porque de facto estas pessoas, pelos padrões normais, não seriam pobres. São pessoas que assumiram obrigações e créditos. Além disso, são pessoas que por terem menos rendimentos deixaram de pertencer a um grupo de consumo. Não lhe estou a dizer que esse grupo de consumo fosse necessariamente elevado. Pode ser aquilo a que se chamava ser remediado. Mas são pessoas que perante elas próprias têm de admitir que falharam. Há famílias de meia-idade que investiram na educação dos seus filhos e que de repente os vêm desempregados e com pouco futuro, com poucas saídas profissionais, apesar do esforço de uma vida.

**Essas pessoas também recorrem às instituições ou há pessoas nessas situações que, por causa da tal vergonha de que já falámos, evitam pedir ajuda?**

Estas pessoas normalmente não recorrem às instituições a pedir comida. São pessoas que se nos dirigem pedindo uma ajuda que nós percebemos muitas vezes que não é tanto de comida mas mais de orientação. São pessoas que muitas vezes atrasam pagamentos porque tiveram de canalizar recursos para outras coisas.

**Porque é que gosta mais da palavra caridade do que da palavra solidariedade?**

Porque caridade é a solidariedade com amor. A solidariedade, que incumbe ao Estado, é distante e fria. Penso que se nós não dermos ao outro aquilo de que o outro precisa e que quer receber e se só lhe dermos aquilo que queremos dar, isso não vale nada. A caridade, que é uma palavra dos Evangelhos e que as pessoas olham pejorativamente, é uma palavra riquíssima porque envolve amor e envolve atenção ao outro com respeito.



**Aqui há tempos ouvi-a dizer que, lidando com os casos difíceis com que lida, «inevitavelmente quase tudo se converte em pacotes de leite».**

Pois. Isso significa que nós passamos a relativizar a maior parte das coisas. Quando há pessoas que têm fome, efectivamente as outras coisas passam a ser, quase todas, pacotes de leite.

**Esta sua experiência fez de si uma pessoa mais despojada?**

Totalmente. Seria quase inevitável. Percebemos a necessidade de não nos deixarmos invadir por coisas que, no fundo, às vezes, pomos nas nossas vidas apenas como acessórios. Apenas para disfarçar outras coisas. Não vale a pena.

**Esta missão a que se dedica matou em si o gosto por aquela pequena extravagância que pode, de vez em quando, dar um certo consolo?**

Não. Eu não sou consumista e nunca fui. No entanto, acho que as pessoas devem dar mimos a si próprias. Se nós não temos cuidado connosco próprios e se não gostamos de nós mesmos, não podemos gostar dos outros. Portanto, é absolutamente necessário que nos demos pequenos mimos. Temos é que ter a noção de que esses mimos não têm de ser necessariamente sete relógios iguais. Pode ser um.

ENQUADRAMENTO

**O BANCO ALIMENTAR**

Os Bancos Alimentares em actividade recolhem e distribuem várias dezenas de milhares de toneladas de produtos e apoiam ao longo de todo o ano a acção de mais de 1.400 instituições em Portugal. Por sua vez, estas distribuem refeições confeccionadas e cabazes de alimentos a pessoas comprovadamente carenciadas, abrangendo já a distribuição total mais de 216.000 pessoas. A Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome coordena esta acção, anima a rede disponibilizando informação e meios materiais, representa os Bancos Alimentares Contra a Fome junto dos poderes públicos, das empresas de âmbito nacional e de organizações internacionais, e efectua, a nível nacional, a repartição de algumas dádivas, criando uma vasta cadeia de solidariedade.

**A ALIMENTAR DESDE 1966**

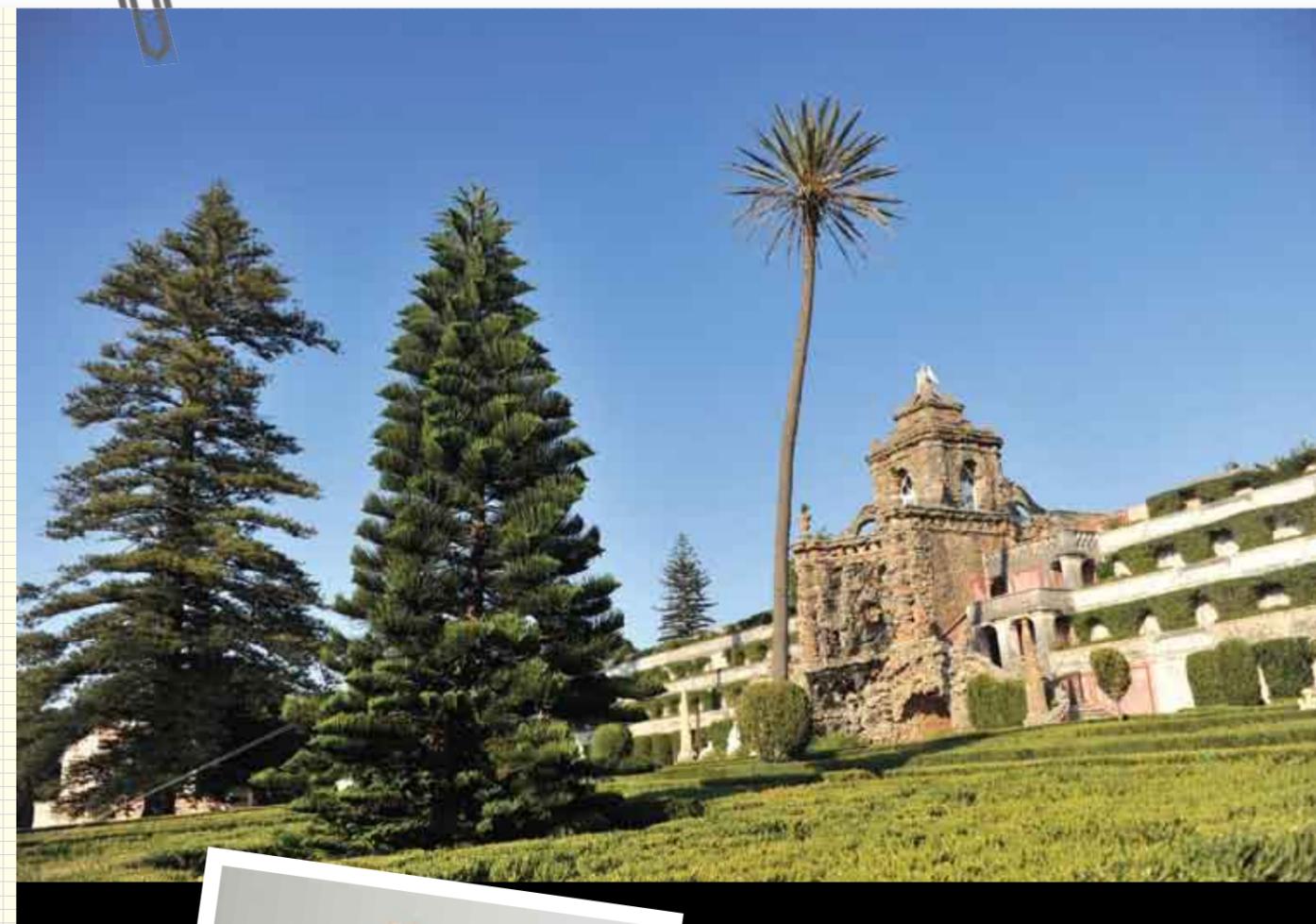
O primeiro Banco Alimentar Contra a Fome foi aberto nos EUA em Phoenix (Arizona) em 1966. A ideia foi trazida para a Europa em 1984 e para Portugal em 1992 com a abertura do Banco Alimentar Contra a Fome em Lisboa. Depois disso foram abertos muitos outros Bancos Alimentares em Portugal.

# RECUPERAÇÃO DAS ESTÁTUAS EM TERRACOTA NA QUINTA REAL DE CAXIAS\_

texto por DANIELA MACEDO \_ fotos de CARMO MONTANHA



A recuperação dos jardins da Quinta Real de Caxias continua, isto apesar de, recentemente, ter reaberto as suas obras ao público, depois de um período de melhoramento de algumas das suas decorações e infra-estruturas. Na verdade, ainda existe muito trabalho a ser feito, com a principal finalidade de “repor a ambiência da época num cenário que possa ser desfrutado pelas pessoas”. Estas são as palavras de Carlos Beloto, o artista que se propôs à recuperação das estátuas em terracota que se encontram na Quinta, o homem que está por detrás de uma boa parte do trabalho realizado nos últimos dois anos. Como o próprio afirma, esta tem sido uma imensa tarefa, trabalhosa, mas muito “empolgante”, isto porque a intervenção nessas obras não se centra apenas no arranjo em si, há sempre um *background* de investigação exaustiva, para se encontrar documentos que comprovem o resultado final da peça original. Arqueólogo de formação e com uma vasta experiência em Conservação e Restauro, conheceu a Quinta Real de Caxias



QUINTA REAL DE CAXIAS

## A HISTÓRIA

A construção da Quinta Real de Caxias iniciou-se no séc. XVIII pelo infante D. Francisco, filho de D. Pedro II e D. Maria Sofia Neuburg. A propriedade foi embelezada e aumentada no decorrer do seguinte centenário, pelas sucessivas incorporações de outros casais.

O resultado final compreende o palácio, a cascata e os jardins, sendo este último o principal elemento, evidenciando e articulando as componentes paisagística, arquitectónica e escultórica. A cascata domina o seu centro, e as estátuas, em terracota (mais conhecido por barro), contam-nos uma cena mitológica grega – o Banho de Diana.

Este era o local muitas vezes escolhido para jantar pela Rainha D. Maria I e, mais tarde, por D. João VI e D. Miguel, assumindo-se como a representação da sofisticada vida social do séc. XVIII.

Em 1953, a Quinta Real de Caxias foi classificada como monumento nacional, e actualmente é propriedade do Ministério do Exército, embora através de um protocolo, a Câmara Municipal de Oeiras tenha assumido a responsabilidade do restauro das estátuas, da cascata, dos lagos e das pinturas decorativas do Jardim, assim como a sua manutenção e abertura ao público.



\_A equipa trabalha actualmente na recuperação das estátuas "o Narciso" e "a Flora Sedente".



apenas em 2007, seduzindo-se pelas "cópias de grande formato e a experiência em fazer a recuperação do puzzle, de peças misturadas". No entanto, a paixão surgiu mesmo na pesquisa de informação histórica deste espaço, já que descobria mais do que aquilo que pensava que ia encontrar.

No seu primeiro ano de trabalho com a Câmara Municipal de Oeiras, ele e a sua equipa recuperaram sete estátuas (As Quatro Estações, o Guerreiro, Júpiter e Ceres) e depois da inauguração foram propostas mais duas, aquelas em que estão a trabalhar actualmente: o Narciso e a Flora Sedente.

A ideia é recuperar as estátuas originais, que ficam em exposição no octógono norte dos jardins da Quinta, e construir as réplicas que completarão o seu cenário exterior. Carlos Beloto realça a importância de as originais estarem abertas a todo o público, mas resguardadas das conjunturas externas: "O barro é um material muito sensível, se estiver muito seco, é quebradiço, se estiver húmido, pode desconjuntar-se. E não aguenta as condições climatéricas".

Remontando aos primeiros anos das obras, estas foram criadas por Machado de Castro, no séc. XVIII. Usou a terracota para fazer maquetes para as apresentar ao público, pois a sua ideia final era mesmo passá-las para mármore – chegou a pintá-las de branco para aproximar o mais possível a sua intenção da realidade.

Para o futuro, Carlos Beloto assume a recuperação de mais algumas estátuas e a desmontagem do cenário da cascata, mas alerta que vão surgindo necessidades de intervenção noutros pontos do jardim, como aconteceu com o "sistema hidráulico, aquário, tanques e válvulas eléctricas".

"Em quatro anos, queremos ter tudo recuperado e criar um programa de manutenção periódica programada", acrescenta, com a criação de uma equipa que actue no espaço de determinado em determinado período. Por exemplo, "tratar das coisas mensalmente não custa, mas se deixarmos passar muito tempo, os custos são maiores".

E finaliza, "estas estruturas não são eternas nem super resistentes, não aguentam trabalhos em profundidade. É preciso mantê-las com alguma suavidade e dedicação, senão corremos sérios riscos de as perder".



# CONJUNTO ESCULTÓRICO VISANDO A LENDA DE LINDA-A-PASTORA

No dia 26 de Novembro do ano que passou, a Câmara Municipal de Oeiras inaugurou o conjunto escultórico da Lenda de Linda-a-Pastora, em Queijas, da autoria de Aida Sousa Dias. Com betão, pedra e bronze, a escultora fez uma Pastora sob um monte rochoso, assumindo uma posição de destaque, acompanhada de ovelhas e um carneiro, dispersos em seu redor.

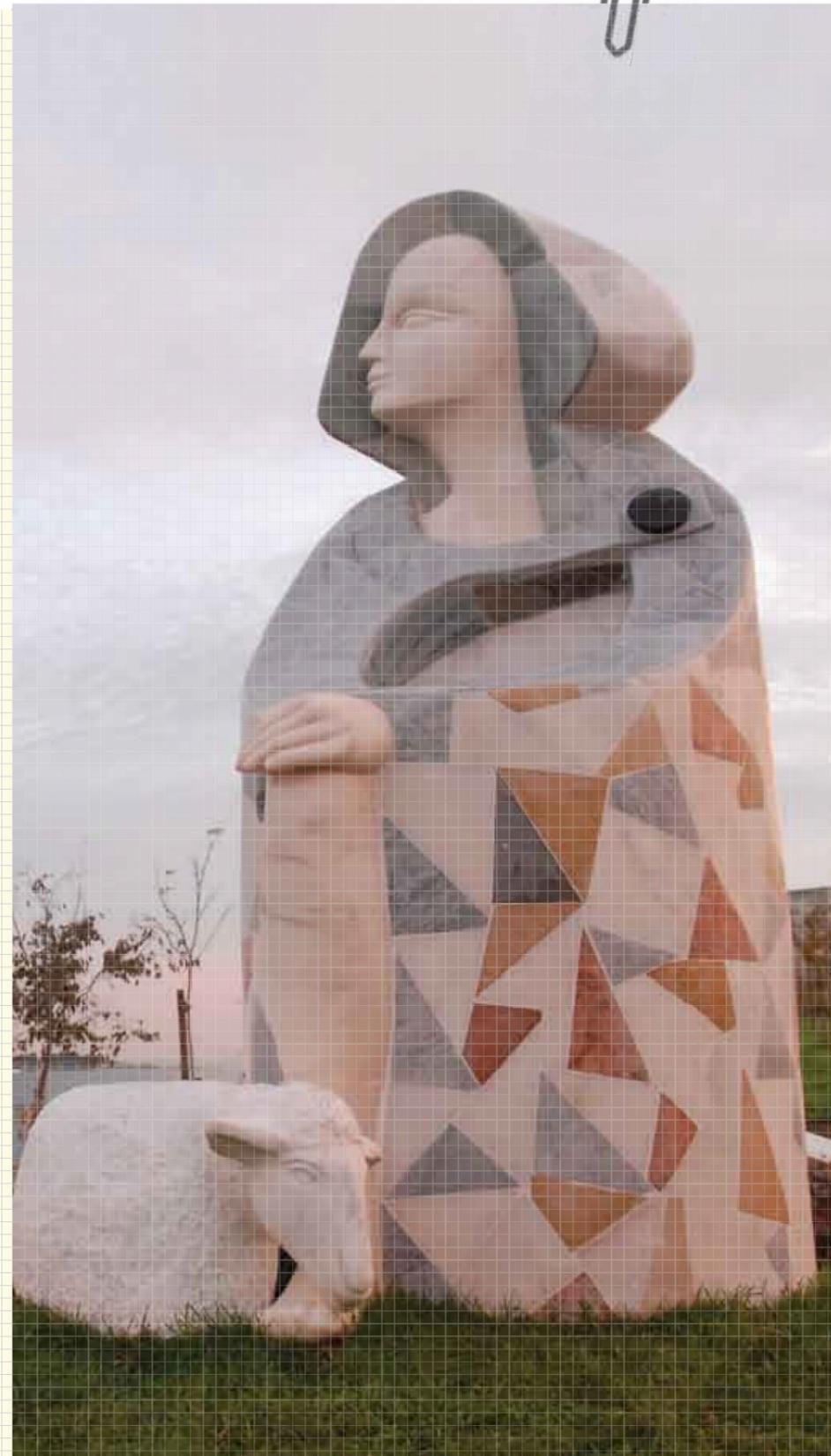
texto por DANIELA MACEDO \_ fotos de GABINETE DE COMUNICAÇÃO

Foi no “Romanceiro” de Almeida Garrett que Aida Sousa Dias se inspirou para homenagear a Pastora que deu o nome àquela localidade oeirense. O início do seu trabalho remonta a 2007, altura em que o Presidente da Autarquia oeirense a desafiou a criar algo que transpusesse as raízes históricas do local, que celebrasse aquela que deu o nome à cidade.

Ainda que não tivesse sido assumido qualquer compromisso, a artista recebeu a proposta com entusiasmo, pois, como a própria diz, “era um tema bucólico, mas que me levava aos contos e histórias da minha infância – pois nasci e vivi sempre na cidade”.

Depois de uma investigação e da criação de uma maquete em gesso, levou a ideia a reunião de Câmara e depois da discussão de alguns pormenores, esta foi aprovada por unanimidade. “No final”, conta Aida Sousa Dias, “o Dr. Isaltino vira-se para mim e diz: Pronto, agora vá trabalhar! E fui mesmo!”.

Da aprovação até à conclusão da obra passaram-se dezoito meses, com muito trabalho e um processo de desenvolvimento que considerou “penoso”. Principalmente pela escolha da pedra, como explica: “Não estamos a escolher fruta, pegando-a e analisando-a. São blocos enormes que não se podem mover senão com métodos indus-



## CURRÍCULO

### AIDA SOUSA DIAS

É licenciada em Escultura e Mestre de Teorias da Arte formada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. A sua tese de mestrado “O Corpo Feminino na Escultura dos Anos 50 em Portugal”, foi editada pela CMO em 2001.

É professora titular de Artes Visuais do Ensino Secundário, em Paço de Arcos; e professora formadora de professores, na área de Expressões, no domínio das Didácticas Específicas,

Integra o Conselho Consultivo da Fundação Marquês de Pombal, sediada no Palácio dos Arciprestes, em Linda-a-Velha, onde estão duas das suas esculturas: “Diálogo no Nilo”, 1988; e “O Marquês”, 1990;

Recebeu o prémio de Escultura da Central de Cervejas de 1981; e a medalha de Mérito Municipal Grau Prata, de Oeiras, em 1995.

A sua colaboração com o município de Oeiras iniciou-se em 1988 na organização de 4 eventos: produção, encenação e criação de figurinos do espectáculo “Um Dia de Praia em 1900”, na praia de S. Amaro de Oeiras; exposição “Trajes de Veraneio” no Palácio Anjos; Concerto de Zarzuelas no Cine – Teatro de Oeiras, antecessor do auditório municipal Eunice Muñoz; e “Robertos na praia de S. Amaro”, nos 4 domingos de Agosto. Ainda em 1988, realizou na Galeria Espiral uma exposição de Esculturas.

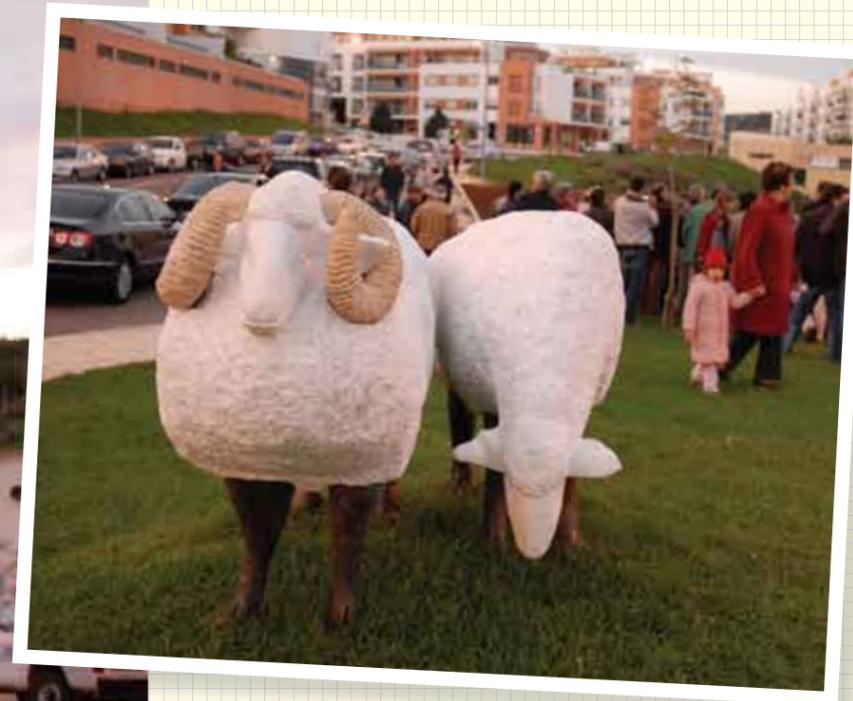
Volta a expor em 1998 na Livraria-Galeria Municipal Verney, com o pintor Paulo Ossião e o escritor José Jorge Letria. Participou na iniciativa “Encontros de Escultura”, na Verney, em 2000, e em várias exposições colectivas, na Livraria-Galeria Municipal, algumas alargadas à Fundação Marquês de Pombal e/ou ao Tagus Parque: “Art Oeiras”, em 1996; “70 Anos de David Mourão – Ferreira” e “Escultura d’Oeiras”, em 1997; e “Colecção Municipal de Arte”, em 2005.

Até ao momento (Dezembro de 2009) já realizou cerca de 40 exposições individuais em Portugal e no estrangeiro e realizou cerca de 12 obras públicas.



“- Linda Pastorinha, que fazeis aqui?  
- Procuo o meu gado que por aí perdi.  
- Tão gentil senhora a guardar o gado!  
- Senhor, já nascemos para esse fado.”

Excerto de um poema do “Romanceiro”, de Almeida Garrett.



trias e que ao serem desbastados manualmente, mostram realmente as suas entranhas e muitas vezes vão para o lixo... aí começa tudo outra vez”.

A pedra branca foi uma escolha natural para representar a lã das ovelhas, e o bronze para as patas por uma questão de estética de contraste com o branco e para uma maior segurança e estabilidade das formas. A figura da pastora foi realizada com betão e ferro, interiormente, e só depois revestida com os elementos de mármore do local. A escultora quis completar a sua imagem com uma capa de retalhos que a protegesse do frio, para transmitir a ideia de pobreza. Para isso, harmonizou um conjunto de mármore de várias cores.

Quanto à sua posição de relevo, Aida Sousa Dias esclarece: “A sua dimensão é a que eu achei digna para se poder observar num périplo bastante amplo. Não poderia ser à dimensão real, porque isso era não lhe dar a importância que ela naquele local tem!”.

Hoje, quem lá passa considera que o espaço estava à espera de uma Pastora com um rebanho, ou como diz a sua autora, “o conjunto é já parte integral do todo que o rodeia, a zona circundante é equilibrada, bonita e calma”. Se ainda não viu, vale a pena ver.

# ASSOCIAÇÃO CORAGEM

## UMA ASSOCIAÇÃO QUE VEIO DIRECTAMENTE DO CORAÇÃO

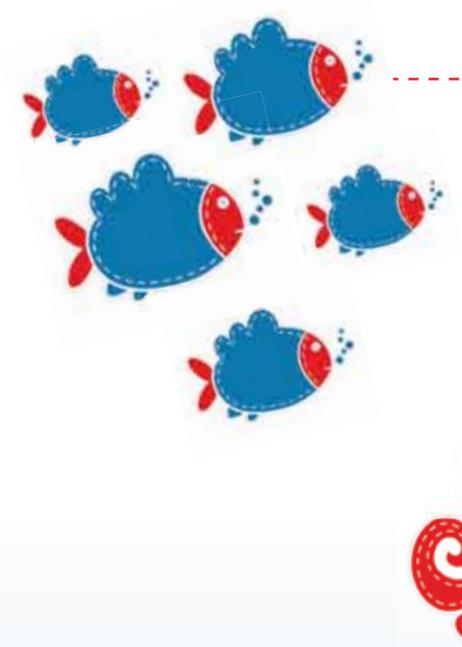
texto por CARLA ROCHA \_ fotos de CARLOS SANTOS \_ ilustrações da RECORTE

A Associação Coragem nasceu em 2008 pelas mãos dos médicos Miguel Abcassis e Rui Anjos e das enfermeiras Filipa Luz e Nazaré Viena. Todos eles técnicos de saúde do Hospital Santa Cruz, em Carnaxide, do serviço de pediatria. Foram eles que, de uma forma natural, começaram a ajudar os pais com filhos que sofriam de doença cardíaca. Perceberam, desde logo, que ajudando os familiares, ajudavam os seus mais pequenos pacientes. E pelos seus pequenos pacientes, tudo era pouco.

Esta é a área da saúde pediátrica com a maior taxa de mortalidade, no entanto, se hoje a taxa de mortalidade é de 20%, há 25 anos era de 80%. Ou seja, reverteram o índice de sucesso e isso, no mínimo, deu-lhes e dá-lhes alento. Dos quatro técnicos que iniciaram a Associação, passaram a quase duas centenas de sócios em dois anos. São eles pais e mães que partilham a mesma angústia, e a mesma esperança. Todos se apoiam e todos falam a mesma linguagem médica. Todos eles vivem a mesma dor e a mesma ânsia de superação. Os que têm mais ajudam os que nada têm. E os que nada têm, ajudam com um sorriso, uma esperança. Em 2008, após elaborarem umas agendas e de a venda ter decorrido com sucesso, entenderam organizar o apoio em forma de uma Associação. E o nome? Coragem, só podia ser coragem e como diz o Dr. Miguel Abcassis «o nome não podia ter sido melhor escolhido». Pois não. E se tem dúvidas, leia este Oeiras tem Laços e chegue à sua conclusão.



É possível ajudar a Associação Coragem a continuar a apoiar as crianças que sofrem de doenças do coração através da aquisição dos autocolantes de decoração em vinil disponíveis no site [www.recorte.pt](http://www.recorte.pt) e com a equipa de voluntários da Associação.



### ENQUADRAMENTO

#### SOBRE A ASSOCIAÇÃO CORAGEM:

A Associação Coragem é uma associação de pais, médicos, enfermeiros e todos aqueles que estão mobilizados para a causa do apoio às crianças com doença cardíaca, uma das principais causas de morte infantil por doença em Portugal. Fundada em Outubro de 2008, a Associação Coragem visa ainda apoiar as famílias das crianças doentes e promover o conhecimento sobre as cardiopatias pediátricas na sociedade em geral.

#### CONTACTOS

associacaocoragem@chlo.min-saude.pt  
ou 961 371 470 - 210 433 121



# FILIPA LUZ, A ENFERMEIRA CORAGEM



\_ Filipa Luz é enfermeira pediátrica no Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide. Foi ela, em conjunto com mais uma enfermeira e dois médicos que resolveram criar a Associação Coragem que funciona neste mesmo hospital. A associação nasce da necessidade de ajudarem familiares com crianças e bebés com cardiopatias graves. Na verdade, estes técnicos de saúde transvazam a sua preocupação com os seus pequenos pacientes para além do seu trabalho no Hospital.

**F**ilipa Luz apaixonou-se por pediatria cardíaca ainda estava a tirar o seu curso. Hoje, catorze anos voltados, não se arrepende minimamente da opção de vida que tomou, porque se por um lado está numa área da pediatria onde há mais casos mortais, por outro lado os casos de sucesso são cada vez em maior número. E isso dá-lhe um ânimo e uma coragem única de continuar a trilhar este terreno complexo mas apaixonante.

#### **Há quanto tempo é enfermeira?**

Sou enfermeira há catorze anos e estou na pediatria há dez. Sempre foi o meu sonho vir para cardiologia pediátrica desde que estava a tirar o curso. Mas quando venho para o hospital [Hospital de Santa Cruz, em Carnaxide] exigiram que tivesse primeiro experiência com adultos e só depois pude ir para a pediatria.

#### **Porque esteve sempre focada na pediatria cardíaca? Por algum motivo em especial?**

Não, sempre achei que era uma área fascinante. Quando estou a tirar o

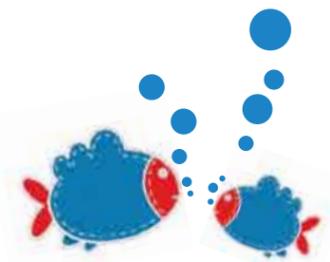
curso e entro em contacto com a cardiologia pediátrica fiquei fascinada e a partir daí tive a noção do que é que queria fazer. E escolhi bem, porque é uma área que gosto muito.

#### **Mas ao mesmo tempo escolhe uma área muito dolorosa e certamente que desgastante.**

É desgastante mas ao mesmo tempo é gratificante. Porque apesar de ainda termos alguma mortalidade e de ser a área dentro da pediatria que tem uma grande taxa de mortalidade já temos uma taxa de sucesso de 80%. Eles chegam cá em situações de grande instabilidade, principalmente os bebés, e depois saem daqui muito bem. Claro que também temos os poucos casos que correm mal, mas felizmente a grande maioria corre bem.

#### **Está desde o início da associação Coragem, como é que tudo começou?**

Nos sentíamos que tínhamos famílias com muitas dificuldades, porque há internamento cardíaco com miúdos com alguma instabilidade, ou



seja, há muitos que são mais susceptíveis a infecções respiratórias e precisam com internamentos com frequência e prolongados. E muitas destas famílias não conseguem arranjar ninguém que cuide deles, porque nas creches estão constantemente infectados, muitos não tem familiares que possam ficar com eles, tais como por exemplo os avós, assim sendo, um miúdo destes pode necessitar da atenção de um dos pais de forma constante, quase a título permanente até fazer a ultima cirurgia. E como isto acontece com alguma frequência, havia pessoas que perdiam os empregos.

E então chegamos a dar dinheiro do nosso bolso. Lembro-me de uma mãe que tinha de ficar com a sua criança e não tinha como assegurar um emprego e como ela conseguia fazer trabalhos de costura, acabamos por comprar-lhe uma máquina de costura para que ela pudesse ganhar algum dinheiro e dessa forma, sustentar-se e acompanhar o seu filho. E havia sempre donativos que dávamos do nosso bolso e depois chegamos à conclusão que, por princípio, não deveria de funcionar assim. E então o Dr. Rui Anjos, que não pode estar aqui na entrevista, lembrou-se de fazer umas agendas em formato de bolso e vende-las de forma a arrecadarmos algum dinheiro. A minha irmã como tinha o curso de artes gráficas, associou-se a nós e com os desenhos das crianças construímos uma agenda. A primeira vaga de agendas foi um sucesso, a segunda também de forma que fomos conseguindo algum dinheiro e sentimos necessidade de legalizar todo este processo e de criarmos a associação e com a associação temos ajudado muitas famílias.

**De que forma ajudam?**

Das mais variadas formas: pagando transportes para chegarem ao hospital, a comprar roupa para as crianças de pais que têm muita dificuldades económicas, a pagar as contas da farmácia... no que precisarem.



**Ou seja, um pai com um miúdo com esta patologia tem de ser um pai a tempo inteiro?**

Em muitos dos casos, sim.

**Se, por hipótese, um casal tem um filho que precisa de ser internado, os pais não podem ficar no hospital?**

Pode um dos pais, os dois não. Porque a área do serviço não é grande e temos de ter espaço desimpedido em caso de uma paragem respiratória de uma criança, de forma a passarmos com rapidez com o carro de urgência. Ou seja, a limitação é para mantermos a segurança das crianças, porque elas é que são a nossa prioridade. Seria confuso colocarmos, por cada criança, os dois pais no serviço.

Tornar-se-ia num espaço menos funcional, e esse risco não podemos correr. Mas com o dinheiro da associação também fizemos obras de melhoramento no serviço, tornando-o mais agradável. E temos comprado alguns equipamentos para o serviço.

**Quantos sócios a Associação tem?**

Não lhe sei precisar, mas estamos quase perto dos 200.

**E pagam cotas?**

Sim, e são 5 euros por ano. Mas depois temos o dinheiro das agendas e alguns donativos que nos são feitos. Também tivemos uma empresa que se associou à associação e que criou os vinis e autocolantes de parede com bonecos para os quartos das crianças e a venda reverte para associação. Ah, e também criaram uma régua de parede.

**E onde é que esses produtos podem ser adquiridos?**

Aqui no hospital ou através do site [www.recorte.pt](http://www.recorte.pt).

**Isso refere-se aos autocolantes de parede em vinil e régua, mas e as agendas?**

Podem ser adquiridas aqui no hospital ou no São Francisco Xavier.



O sorriso de Filipa Luz é uma constante.

**Qual o valor das agendas?**

Cinco euros. Vai ser importante o site da associação que estamos a criar, mas até lá podem contactar-nos através do telemóvel ou do endereço de e-mail. Mas deixe-me dizer-lhe que também temos apoio da Fundação Luís Figo, a Câmara de Oeiras também já nos apoiou várias vezes. A Ativism também nos apoia porque criaram a nossa imagem. Temos várias empresas que trabalham para nós de forma gratuita e que por pouco que seja é sempre de grande ajuda.

**Quantos miúdos nascem, em media, com cardiopatia congénita?**

Todos os anos nascem cerca de 0,8% a 1% crianças com cardiopatia congénita. Portanto, todos os anos aparecem cerca de 1000 novos casos de cardiopatia congénita e adquirida.

**E, no futuro, o que é que, enquanto Associação, gostariam de conquistar?**

A cereja sobre o bolo seria ter um espaço, um apartamento, que nos fosse cedido de forma a que os pais que são de longe, pudessem ir tomar banho, ou descansar enquanto têm os filhos no hospital. Não podemos esquecer que recebemos crianças do país inteiro, ilhas e PALOP's. E falamos de bebés e crianças que necessitam de ter os pais por perto. Um apartamento era mesmo o ideal. Vejamos uma outra situação onde esse apartamento seria importante, uma criança que venha, por exemplo, dos Açores, pode estar bem para sair do hospital, mas não o suficiente para ir para os Açores. Pode haver ali uns dias onde precise de uma vigilância mais apertada e se tivéssemos esse espaço, seria o ideal.

**E como resolvem esses casos hoje em dia?**

Ou temos de os manter aqui no hospital, ou em pensões que os pais consigam pagar ou que a Segurança Social consiga apoiar. O que faz com que às vezes fiquem em condições que não são muito boas e que nem nós próprios por vezes sabemos de que condições se tratam.

“Lembro-me de uma mãe que tinha de ficar com a sua criança e não tinha como assegurar um emprego e como ela conseguia fazer trabalhos de costura, acabamos por comprar-lhe uma máquina de costura para que ela pudesse ganhar algum dinheiro e dessa forma, sustentar-se e acompanhar o seu filho.”





# FÁTIMA ANTUNES A GRANDE MÃE DO SIMÃO



\_Há muito que gostava de ter falado da Fátima e do António. Um casal, como tantos outros, que desde cedo se apaixonaram, namoraram, casaram e tiveram filhos, como meio mundo. Esse amor deu frutos, dois, mais precisamente, a linda Madalena e o doce Simão. Desde logo a força anímica deste casal foi posto à prova com o nascimento da Madalena. Uma miúda encantadora mas que nascera com um problema físico que, entretanto, foi superado. E mais tarde, há cinco anos, nasceu o Simão. E aqui, se já tinham dado provas da capacidade de resistência ao infortúnio, no caso do Simão, tiveram de se superar.

texto por **CARLA ROCHA** \_ fotos de **CARLOS SANTOS**

**A**liás, o tempo verbal está errado, porque não tiveram, têm, dia após dia, semana após semana, de encontrar forças para ir em frente. O Simão nasceu com Hipertensão Pulmonar Primária. Uma doença para a qual ainda não há cura. O prognóstico é angustiante, isto para dizer o mínimo e, no entanto, esta Fátima e este António vão em frente, contra toda a tristeza e más notícias que os assolam, com uma capacidade de resistência que servem de ensinamento para quem os conhece. Apresento-vos esta mãe, esta mulher, este Ser capaz de tudo, inclusive de sorrir, mesmo quando o mundo desaba sobre ela. Porque ela sabe que o seu filho precisa de uma mãe que o faça rir sempre que para ela olha.

#### **Há quanto tempo fazes parte da Associação Coragem?**

Há dois anos. Não foi bem desde o início porque quem formou a associação foram os médicos e enfermeiros. Depois os pais foram convidados a participar.

#### **Quando tomas conhecimento do problema do Simão, não tiveste nenhuma associação que te ajudasse a suportar um pouco melhor toda a situação?**

Não, mas confesso que também não procurei.

#### **Que idade tinha o Simão quando descobriram que ele tinha um problema de saúde?**

Faltava uma semana para fazer dois anos.

#### **Ou seja, já foi bastante tarde. Quando é que percebeste que alguma coisa não estava bem?**

Como já tinha a Madalena, fui vendo as diferenças. Eles tinham uma brincadeira que adoravam e que era: subiam para a cama e depois escoregavam por ela a baixo e voltavam a subir e assim sucessivamente. E percebi que o Simão, ao fim de duas vezes, ele quase caía para o lado, já não conseguia fazer mais, ficava ofegante e eu comecei a achar aquilo



muito estranho. E entretanto, uma médica, felizmente muito atenta, e uma senhora de clínica geral, nem sequer era especialista, chamou-me à atenção que ele andava com os lábios roxos e que eu deveria levá-lo a fazer uma ECO ao coração. E fui fazer-lhe a ECO e, longe de mim, completamente longe de mim imaginar o que viria a seguir... e descobriu-se. Aliás, o médico que lhe fez a ECO identificou imediatamente a doença do Simão, embora não me tenha dito logo. Começou com ‘panos quentes’ e disse para ir ter com ele no dia seguinte ao Hospital de Santa Cruz e aí disse-me o que se passava.

#### **Como é que se recebe uma notícia destas?**

Cai-se no vazio. Primeiro achas que não é contigo, que certamente há um engano qualquer. Principalmente no nosso caso porque a Madalena tinha nascido com uma deficiência física e por ironia, tirar gesso e meter gesso, o suplício tinha acabado um mês antes de sabermos da doença do Simão.

#### **Não tiveram tempo para respirar?**

Não, nós estávamos, há um mês, em lua-de-mel com a saúde. Achávamos «a partir de agora o mundo é perfeito». E levar com um balde de água fria destes foi muito complicado. E foi complicado, em primeiro de tudo, acreditar e depois aceitar. E a reacção que tivemos foi correr mundo. Fomos a Inglaterra, França, Espanha, tivemos contactos no Canadá, tivemos contactos nos Estados Unidos. Tudo o que pudemos entrar em contacto, fomos e percorremos. E a dada altura cheguei cá conformada.

#### **Ou seja, aquilo que fazem lá fora, fazem cá dentro?**

Sim. Efectivamente não há mais que se possa fazer neste momento Essa é a realidade. Mas eu tenho uma esperança enorme na evolução da medicina e tenho a certeza que tudo irá acabar em bem para o Simão.

#### **A esperança é o que mantém o discernimento?**

É fundamental a esperança, mas eu tenho esta esperança porque, dois dias depois da ECO, o Simão fez um cataterismo. E o médico dele, que é um médico muito humano e muito prestável e de quem gostamos muito, após o cataterismo veio ter connosco e disse: ‘tenho duas notícias para vos dar, uma é boa e outra é má. A má é que o Simão tem, efectivamente,



Hipertensão Pulmonar. A boa é que tenho um comprimido para lhe dar. E esta é boa notícia porque se fosse há cinco anos só tinha más notícias para lhe dar’. E isto deu-me um alento. E sabes o que é que eu relacionei? É que se fosse há cinco anos foi quando a Madalena nasceu e se fosse a Madalena a ter este problema, ela não tinha sobrevivido. Não tinha hipótese. E pensei ‘que sorte’. (pausa) Sei que pode parecer estranho eu dizer que é sorte, mas no meio deste quadro todo, temos alguma sorte. Primeiro, por aquilo que já disse. Se fosse a Madalena, já não a tinha, porque quando ela nasceu, este abençoado comprimido não existia, e ela é muito mais frágil fisicamente que o irmão. Este ano saiu outro comprimido para o mercado e sei que mais coisas vão aparecer.

#### **Vocês estão naquele ponto em que se agarram a tudo.**

A tudo, absolutamente a tudo. E o quadro é tão mau, que nos agarramos à mais pequena esperança. Carla, nós não nos podemos agarrar aos pontos maus. Senão, como ir em frente?

#### **Mas onde vais buscar a tua força? É ao teu filho? À tua filha? É ao quê?**

É aos meus filhos. Vou revelar-te uma coisa: na altura em que isto aconteceu, eu estava de cabeça perdida. O primeiro mês não conseguia dormir, não conseguia comer. Sentia-me no vácuo. E houve um dia em que pensei que estas situações são de tal maneira arrasadoras que te leva a pensar no suicídio, mas depois, o suicídio, neste caso, é um luxo que eu não podia ter. Não podia ter porque ficava cá tudo para resolver. Os meus filhos ficavam com os mesmos problemas e sem a mãe. É mesmo um luxo. Portanto, não há maneira de eu olhar para as coisas negativamente, porque a fuga não existe e o negativismo da situação não ajudam a resolvê-la.

#### **A tua fuga é para a frente?**

Que remédio! Entregar-me, nem pensar. Enquanto puder, vou em frente, luto e jamais me entrego.

#### **Não tens momentos em que tens vontade de desistir?**

Não, nunca os tive.

#### **O Simão tem consciência que tem um problema de saúde?**

Começa agora a ter. Não é bem consciência do problema, mas uma noção de que tem algo. Sente que há qualquer coisa em que é diferente dos outros meninos, porque vê que os outros correm e saltam o dia inteiro e ele não consegue.

#### **Fátima, quando entraste para a Associação, qual foi o teu intuito?**

Dar força, dar esperança. No dia em que soube o que o Simão tinha, precisava desesperadamente de falar com alguém que estivesse a passar pelo mesmo, ou tenha passado. Claro que ninguém me poderia dizer qual o fim desta história, mas precisava de alguém que me dissesse qualquer coisa que me desse esperança. (pausa) Nem que fosse uma mentira, porque há alturas na vida em que as mentiras são necessárias.

#### **E não tiveste isso?**

Não tive porque devido à raridade da doença do Simão, não existem mais crianças com a doença que ele tem, pelo menos que o hospital conhecesse.

#### **Onde foste buscar apoio?**

Às enfermeiras, aos médicos que foram e são excepcionais. E essa é a razão número dois porque eu estou na associação.



#### **O que fazes na Associação?**

De tudo um pouco. É uma associação pequena. Estamos a começar e neste momento ainda estamos a tentar alinhar. Devido à minha profissão, estou como Relações Publicas, como comunicadora da Associação. Atenção, há pais lá dentro que são incansáveis. Vem-me assim à lembrança a mãe Rita Santos, em que o filho também tem problemas mas que, felizmente, a esta altura estão superados, e ela podia ver-se livre disto, sair porque o filho está curado, mas não consegue. Continua a dar de si. Mas deixa-me voltar atrás. Eu estou na Associação um pouco para enfrentar a impotência. Perante todo o quadro clínico do Simão, eu estou impotente, eu não posso fazer nada além de esperar que a medicina evolua. E por isso, eu preciso mais do que tudo, de fazer alguma coisa, nem que seja pelos outros. É a necessidade de actuar.

#### **Não sentes revolta quando vês filhos de outras mães a curarem-se e o teu não?**

Não, nunca tive essa revolta, nunca por nunca. Aliás, deixa-me contar-te uma coisa que hoje, olhando para trás, tem um grande significado para mim. A minha irmã, quando éramos pequenas, um dia trouxe uns ursos para casa, creio que uns quatro. E eu escolhi precisamente um que não tinha um pé. E eu tinha uma adoração por aquele boneco que não podes imaginar. E eu fui buscar aquele boneco, porque aquele boneco precisava de mim. E às vezes estou nestas dissertações, nestas melancolias, porque nem sei como lhes chamar, e penso assim ‘se me dessem um Simão sem esta doença, eu não queria’. Eu quero o meu Simão, tal qual ele está. A única coisa que quero é a cura desta doença. Quero o meu Simão curado, mas o meu Simão, se é que me faço entender? É este o meu filho, que amo perdidamente e quero-o assim, como ele é e quero, de igual forma, que a doença tenha cura.

#### **Estou a falar com a Fátima, mas temos de falar do António, teu marido e pai do Simão. Esta problemática não desgasta o casamento?**

Não, nunca desgastou. E qualquer problema que possamos ter, o que é normal numa relação, para nós é sempre algo secundário, porque a nossa prioridade, a nossa força, a nossa vida está virada para os nossos filhos. De resto, bem de resto superamos tudo! E depois Carla, temos os melhores filhos do mundo, os melhores!

#### **Falavas-me há pouco de sinais, de te agarrares a sinais. Podes explicar um pouco melhor?**

Para te explicar melhor tenho de te falar de uma consulta que fizemos a um médico em Londres onde saímos do consultório com a cabeça em água porque aquilo que poderia ser uma solução, afinal não era. À ida para lá, no avião, a Madalena disse que o que mais desejava ver em Londres era a Tower Bridge a abrir. Quando saímos do consultório, vínhamos tão tristes que vagueámos 4 horas pela cidade, sem parar e em silêncio, e quando demos por nós, estávamos em frente à Tower Bridge. Chegamos à ponte vi logo que ela não ia abrir porque era hora de ponta e estava tanto nevoeiro que não devia haver embarcações no rio. Fomos para um café ao lado tomar um chá. E quando vamos a sair do café desata a chover tanto, mas tanto que ficamos ali à espera que abrandasse e não é que a ponte desata a abrir. Para mim foi um sinal. E aquilo que quero dizer é que quando queremos muito uma coisa, ela acontece. A Madalena queria a ponte a abrir e ela abriu-se e eu quero o Simão curado, e estou certa que isso vai acontecer.

# \_MIGUEL \_ABECASSIS

## CIRURGIÃO CARDÍACO PEDIÁTRICO A DAR CORAGEM AOS SEUS PACIENTES MAIS PEQUENOS



\_Miguel Abecassis formou-se em medicina com o intuito de se especializar em cirurgia cardíaca pediátrica. Sabia que seria um longo caminho. Sabia, também, que só uns poucos, muito poucos, o conseguem. Mas os maus resultados que existem nesta área, deram-lhe o alento necessário para tentar e, conseguir.



**E** Hoje é um dos médicos que dão novo alento a crianças que possuam, congenitamente ou não, problemas cardíacos. Hoje, consegue salvar crianças que, há 25 anos, quando começou, a medicina não era capaz de os salvar. Move-o as conquistas que vai fazendo. Move-o aquilo que a medicina tem de mais romântico e belo: dar vida. E por isso, mesmo com vicissitudes, mesmo com alguns resultados menos bons, Miguel Abecassis vai em frente sem hesitar. Há cerca de dois anos, em conjunto com o Dr. Rui Anjos e as enfermeiras Filipa e Nazaré Viena, formaram a Associação Coragem. Esta é gente de muita coragem.

#### **Porque optou por Cirurgia Cardíaca Pediátrica?**

Cirurgia Cardíaca Pediátrica não é uma especialidade. Primeiro temos de fazer cirurgia cardíaca de adultos e depois temos de ir para um sítio qualquer que seja uma referência nessa área, onde temos de estar, pelo menos dois anos em cardiologia pediátrica. E foi o que eu fiz. Durante três anos fui trabalhar para Paris em cirurgia cardíaca pediátrica que foi aquilo que me fez vir para medicina.

#### **E porquê?**

Porque era uma cirurgia que há 25 anos tinha maus resultados, estava a começar e havia muita coisa para fazer.

#### **Ou seja, era um desafio?**

Exacto e hoje está completamente diferente. Os resultados são completamente diferentes.

#### **E nunca se arrependeu? Ou seja, nunca teve aqueles momentos em que tivesse vontade de mudar de vida?**

Não, nunca. Aliás, esta é a única coisa que fazia da maneira que faço. Outra coisa não conseguiria fazer com este ritmo.

#### **E qual a importância da Associação?**

É deveras importante porque há muitas pessoas que se foram diferenciando nesta área, ao longo dos anos, desde as enfermeiras, os médicos. E a Associação é mais uma vertente desta nossa actividade. Muitas destas crianças que são internadas são de fora de Lisboa, e os pais acompanham os seus filhos e a associação é importante no sentido de acompanhamento dos pais que vivem uma situação que, como imagina, é muito difícil.

#### **O afecto e apoio que é tão importante.**

Pois é, pois é. E temos de ver que essa é uma parte que depois completa a

vertente técnica. Porque por um lado queremos facilitar a vida aos pais das crianças e ao mesmo tempo proporcionar às próprias crianças um ambiente o mais agradável possível enquanto estão aqui internadas. Sabe que eu acho que o nome da associação foi muito bem escolhido, porque fazer cardiologia pediátrica, cuidar de crianças que foram operadas ao coração, com cirurgias muito complexas e às vezes nem sempre curativas, porque há pela frente mais operações, portanto, muitas vezes não é o fim do caminho mas sim o principio do caminho, é uma prova de coragem. E uma coisa é falarmos com um adulto que vamos operar e outra coisa é falarmos com um dos pais e dizer que vamos operar o filho, e às vezes, no dia a seguir, não entregamos o filho...

#### **Como consegue gerir esses momentos? Como é que se defende? Ou seja, já consegue gerir melhor a dor de algo que corra menos bem?**

Há muitas maneiras de nos defendermos, mas não tenho notado que esteja mais resistente. Na verdade, acho que me defendo cada vez menos.

#### **Tem algum escape?**

Tenho muitos, a família e outros entreténs da minha vida como ler, ouvir musica... mas às vezes escapar não é uma tarefa fácil. Mas deixe-me dizer-lhe que é recompensador porque os resultados melhoraram muito, e hoje é, seguramente, muito mais fácil ter este tipo de actividade do que era há 25 anos.

#### **Vivenciou essa evolução?**

Sim, e olhe que hoje temos crianças com tratamentos mais complexos, mas que antes nem sequer sobreviviam. Foi um volte-face completo. Temos crianças que já foram considerados inoperáveis, foram entretanto operados e que estão bem. E não nos podemos esquecer que há muito pouca gente a fazer este trabalho.

#### **E porque acha que assim é?**

Porque é necessário uma formação muito longa. Com seis anos de especialidade cardíaca de adultos e mais dois ou três de cardiologia pediátrica. E é uma área que nunca sabemos se vai ter algum retorno, porque do ponto de vista financeiro não vai ter nenhum porque é extremamente cara para que possa ser feita num outro sítio que não seja num hospital do Estado, sobretudo no nosso sistema. E não podemos esquecer que de todos os cirurgiões cardíacos que tentam fazer cirurgia pediátrica só uma minoria consegue vir algum dia a fazê-la.

#### **Se pudesse mudava de vida?**

Podia mudar e jamais isso me passaria pela cabeça.

Porque não sai de casa, dos cafés,  
dos salões de chá, das lojas  
e aproveita os espaços ao ar livre  
que convidam à contemplação?



FONTANÁRIO NA FREGUESIA  
DE CARNAXIDE

\_A magia da sétima arte regressou a Oeiras em grande. No último trimestre de 2009, o Auditório Municipal Eunice Muñoz e o Novo Espaço do Teatro Independente de Oeiras foram palco de duas peças que apaixonaram o público.

**\_ HEDDA GABLER E HOTEL CASARÃO**

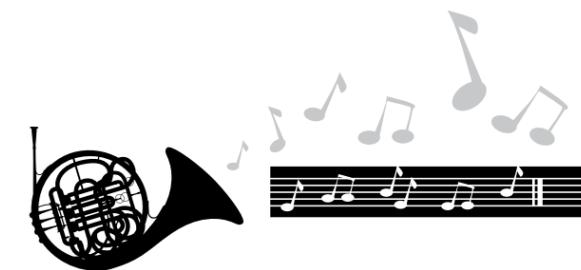
"Hedda Gabler" e "Hotel Casarão" proporcionaram finais de semana diferentes a toda a sua assistência, aliando tragédia e comédia de uma forma subtil e inteligente, provocando gargalhadas mas também alertas de consciência para temas bem presentes no nosso quotidiano.

A primeira é considerada uma das maiores obras teatrais de sempre, escrita em 1890, por Henrik Ibsen. Adaptada em vários palcos do mundo, chegou a Oeiras por intermédio de Celso Cleto, abarcando um leque de actores bem conhecido do nosso panorama artístico: Sofia Alves, Ana Rocha, Elisa Lisboa, Guilherme Filipe, Maria Dulce, Paulo Rocha e Vítor de Sousa.

Já "Hotel Casarão" incutiu um cariz mais actual, juntando a abordagem de vários temas da nossa sociedade num só espaço, localizado em Fátima.

Com artistas menos conhecidos que a primeira peça, mas nem por isso de talento inferior: Líliliana Santos e Marco Medeiros na linha da frente, numa comédia de Lourenço Henriques e Filipe d'Aviz, com encenação e direcção de actores de Carlos d'Almeida Ribeiro.

Três meses em cena, três meses de casa cheia. Uma aposta forte e ganha pelo município, a aproximar a cultura ao grande público.



\_A Câmara Municipal de Oeiras associou-se à Companhia de Música Teatral, apresentando Bichofonia Concertante, Opus Formiguinha, no Auditório Municipal Ruy de Carvalho, em Carnaxide.

**\_ BICHOFONIA CONCERTANTE**

O primeiro espectáculo de uma trilogia de fábulas musicais da Enciclopédia da Música com Bicho, foi transversal a vários territórios musicais e a todas as idades - até dizem que é recomendado a crianças não formatadas e adultos que não se levam demasiado a sério -, agitando tiques de tradição clássica, com projecção de imagens e de movimentos. Um conjunto de histórias humanas vestidas com pele de bicho.





\_Oeiras continua a marcar o ritmo na música... desta vez, abraçou um projecto multi-musical, intitulado Ciclo de Sonoridades, que decorre no Auditório Municipal Ruy de Carvalho, em Carnaxide.

#### **\_ CICLO DE SONORIDADES**

Desta vez, abraçou um projecto multi-musical, intitulado Ciclo de Sonoridades, que decorre no Auditório Municipal Ruy de Carvalho, em Carnaxide. Iniciado em Dezembro, visou o conhecimento de músicas do mundo, num espaço propício à percepção da melodia numa atmosfera intimista e confortável.

Os "Tim Tim por Tim Tum" foram os primeiros a pisar o palco do Auditório oeirense, apresentando um espectáculo com quatro baterias e com uma filosofia de utilização de qualquer corpo ou objecto para fazer som.

\_Em Novembro,  
Oeiras apresentou mais  
um festival de jazz,  
no Auditório Municipal  
Ruy de Carvalho,  
em Carnaxide.



#### **\_SOM DA SURPRESA**

O Som da Surpresa 2009 trouxe aos amantes deste estilo de música dois concertos que mostraram duas visões diferentes do jazz, que coadunaram num espectáculo para mais tarde recordar. Estreado por Miguel Zenon Quartet, grupo liderado por um porto-riquenho considerado um dos mais inspirados e tecnicamente completos artistas de jazz, e encerrado com um duo nacional, Mário Laginha e Bernardo Sasseti, que trouxeram um repertório de músicas originais mas também de alguns compositores americanos.

Gelados do Marquês.  
No edifício Octogonal, na entrada  
do Jardim, quem entra pela Rua  
Desembargador Faria

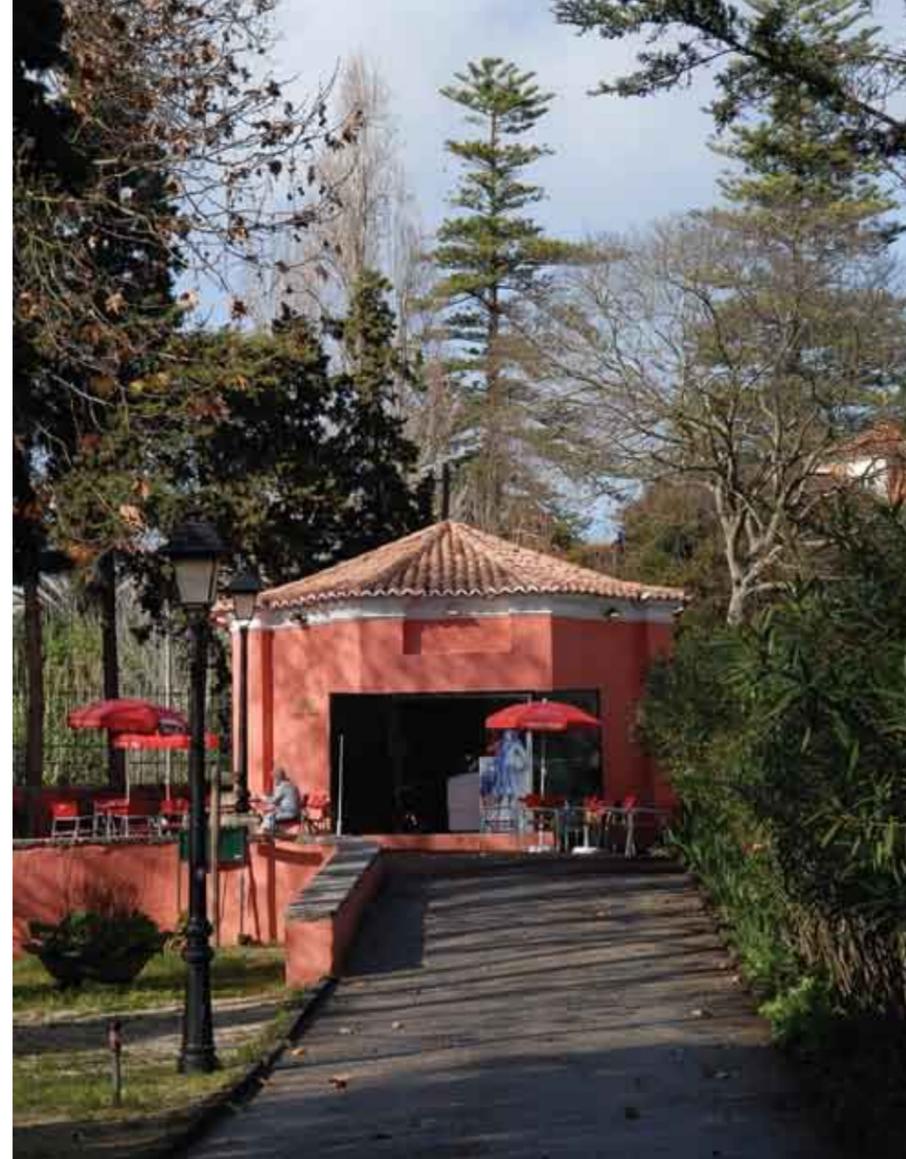
# \_GELADOS DO MARQUÊS



\_Gelados no Inverno, pois  
então! Pare, sente-se e peça,  
esteja o frio que estiver,  
um gelado do sabor que  
apreciar...

texto por CARLA ROCHA \_ fotos de CARLOS SANTOS





**N**o Jardim Municipal de Oeiras abriu, no passado mês de Agosto, os Gelados do Marquês. No edifício Octogonal, na entrada do Jardim, quem entra pela Rua Desembargador Faria, este espaço possui uma esplanada em perfeita comunhão com o edifício e a ribeira que ‘canta’ mesmo ali ao lado. Pare, sente-se e peça, esteja o frio que estiver, um gelado do sabor que apreciar, porque os Gelados do Marquês são, sem sombra de dúvida, os melhores gelados de Oeiras e arredores. A mãe de Paulo Alves aprendeu os segredos da técnica dos gelados há 40 anos em Moçambique com um italiano especialista nesta iguaria. Desde aí, toda a família se envolveu e se aperfeiçoou na elaboração de novos gelados, novos sabores. São quatro décadas a fazer as delícias de quem os consome. Quando a família

veio para Portugal, começam por dar a conhecer os seus gelados no Liceu de Oeiras. Depois do Liceu, estabelecem-se, durante dez anos, na praia, mais precisamente ao pé do Narciso, para delícia dos veraneantes. Por essa altura, a mãe de Paulo abre uma loja de crepes, a primeira casa de crepes da Linha, em Cascais que se transforma num verdadeiro sucesso. A par da evolução dos gelados que diariamente faziam, estavam os crepes tanto doces como salgados, com uma textura e sabor único. Para gládio dos Oeirenses, Paulo Alves, conhecedor da arte de fazer gelados, e a fazê-los bem, abriu no Octógono os Gelados do Marquês, uma marca que criou a inspirado nesta terra pombalina. Aqui, pode apreciar gelados de tangerina, alperce, frutos secos, mel, manga, laranja, natas, iogurte, chocolate, morangos, canela, castanha, baunilha e mais uma se-

rie de sabores que, diariamente, Paulo cria utilizando sempre produtos naturais e de época. Para além desta iguaria, Paulo possui crepes doces e salgados, entre estes últimos pode pedir um de espinafres, queijo, camarão, fiambre e frango que vêm acompanhados de uma salada. Não descurando as bebidas, também nos Gelados do Marquês pode apreciar um bom sumo natural. Mas se é mais convencional, também aqui encontra sopas e hamburguers e bolos à fatia e, imagine só, intrinsecamente caseiros. Esta casa é uma casa preocupada com todos os seus clientes e foi a pensar neles que Paulo criou dois gelados especiais, um sem lactose e outro sem açúcar, de forma a que os alérgicos à lactose e os diabéticos possam usufruir desta iguaria. Salientamos que os gelados não possuem nem corantes nem conservantes. Se quiser apreciar os gelados no recanto do seu lar, Paulo também fornece para fora, bastando para isso que liguem a encomendar. O único senão de tudo isto, é que Os Gelados do Marquês está encerrado até dia 1 de Março e a partir daí, não perca, vá ao Jardim Municipal de Oeiras deleitar-se com esta perfeita tentação. No mínimo, são viciantes!

VISITE-NOS

**GELADOS DO MARQUÊS**

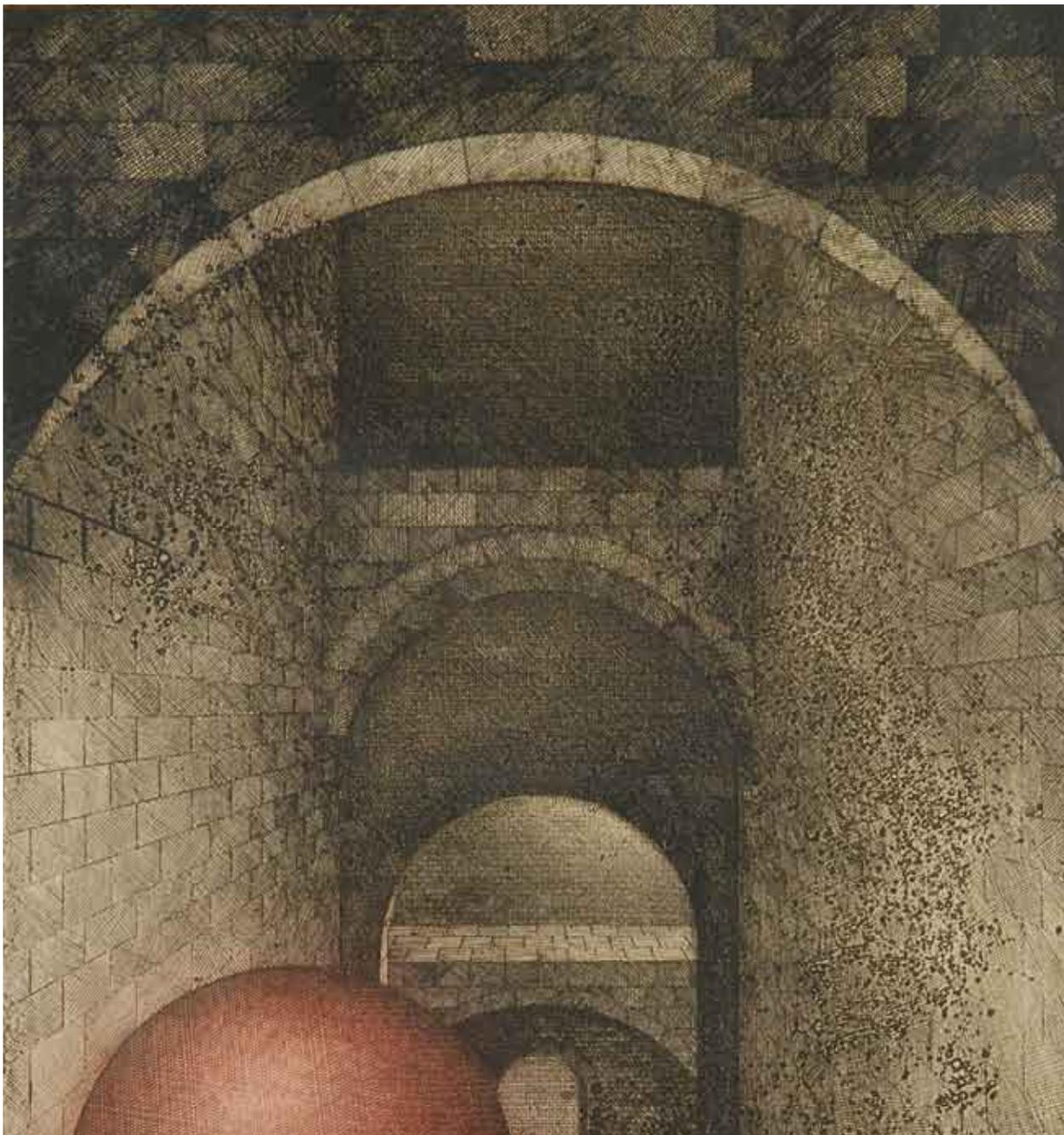
**JARDIM MUNICIPAL DE OEIRAS  
(OCTÓGONO)**

**CONTACTOS**

917 696 006 ou 936 599 515

**HORÁRIO**

de quarta a domingo, das 10h30 às  
20h00; encerra às segundas e terças



**BARTOLOMEU CID DOS SANTOS** 30 JAN 10  
16 MAI 10



PALÁCIO ANJOS ALGÉS

 **Oeiras**  
Marca o ritmo

**CAMB**  
CENTRO DE ARTE MANUEL DE BRITO